



Azougue 8

Caby da Costa Lima

A entrevista com o Cara Lá de Cima não estava programada. Mesmo assim, antes de calçar os tamancos para o último Som do Caby, o camaradinho aprontou mais este Azougue, o 8º da série, declaração de amor a Mossoró, Meu Xodó, e à sua gente. Não é livro póstumo, é obra de memórias Do Bumba, Da Época, Da Bola e De Enchente, que conjuga todos os tempos em cada página.



Prefácio

Ao eterno e lindo camaradinho

Começo o prefácio dizendo que ele vai fugir às regras de etiqueta e modos de fazer das apresentações que habitam os livros para, tal qual o autor desta obra, caminhar na contramão de padrões. Até chegar o momento de serem lidas, essas linhas largaram pesadas como tamancos de madeira. Agora, buscam cortar a faixa de chegada com a leveza daquele ser singular que em tamancos se equilibra para estar em sintonia com a sua presença camarada, aveludada e de impacto ‘azougal’.

Cá eu estou para falar dele, daquele que desde os tempos ‘do bumba’ é o meu assunto preferido. Foi ali pelo meio de 2017, antes de acontecimentos por demais esquisitos começarem, que ele me convidou para escrever o prefácio deste livro. Com a mesma naturalidade de pertencimento transferido que, mais de 25 anos antes, todo domingo ele me convidava para cantar – muito mal – “Ai que Saudade de D’ôce”, música de Vital Farias também famosa na voz de Geraldo Azevedo, nos microfones do seu programa de domingo, “O som do Caby”. O modo como eu falava “‘tabaiar’ é minha sina” parecia para painho o trecho mais incrível já cantado por alguém nesse mundo. Ele continuava rindo disso mesmo com os meus 30 anos batendo à porta. Com dificuldade, cantou essa mesma canção comigo até os últimos dias, durante visitas na UTI, e chegou a pedir que eu continuasse cantando (ali, não profissionalmente, acredito).

Mas voltando ao prefácio, painho me convidou, eu respondi ‘sim, claro’ e, embora dissesse que tinha começado a escrever baseando-me em outros

textos já feitos para o meu maior afeto, posterguei essa escrita para que ele a visse aos 45 do segundo tempo e a entendesse como uma declaração de amor encartada em seu livro. Menos o que o Azougue.com traria e mais quem ele é para mim e para uns tantos que conheço. Tenho perguntado aos céus o motivo de o convite vir logo para este livro, algo que eu poderia ter feito em edições passadas. Achei que não conseguiria fazê-lo, já que não terei a sua leitura e crivo formais, aqui, e a revisão cheia de garranchos da letra indecifrável que fugiu da caligrafia escolar. Tenho escrito em locais, horários e humores diferentes, mas não vou desistir, assim como não vamos desistir de lançar a nova edição do Azougue que, com exceção da homenagem inicial, estava toda pronta pelo seu criador. Com o empenho dos e das camaradinhos que aqui estão para honrá-lo e a permissão de Deus, em breve estas páginas ganharão o destino sonhado.

*Sobre o prefácio, se o pensamento escrito parecer atordoado é sinal que o texto, pelo menos, se comporta bem real.

A Mossoró invisível e seu protetor que usa tamancos

Ano passado, li tardiamente o livro “As Cidades Invisíveis”, de Ítalo Calvino. Na obra, o personagem principal, Marco Polo, descreve para o conquistador mongol Kublai Kahn, cujo império conquistado não pode ver com os próprios olhos, como são as cidades que o compõem. Naqueles diálogos e modos de ver do contador, as cidades ultrapassam conceitos geográficos e ganham vida e lógica únicas.

Não são as riquezas óbvias descritas com destaque e detalhes. Não é quanto de ouro há ali, mas quem canta ao acordar. Não é a extensão do território, mas quem vive intensamente – ou quem dá conta da vida alheia – que faz cada cidade ser o que é. Sobre um dos locais, Marco Polo se prende aos pequenos pontos de cada pedra que forma o arco símbolo do lugar. Quando o Kahn, sem entender a demora naquela descrição, questiona o motivo de tanto falar a respeito de uma simples pedra, a obviedade e o desvelamento da resposta me empolgam: porque ele não seria esse arco sem cada pedra. E não é mesmo cada lugar e cada um a soma delas?

Ao ler, imediatamente pensei no meu painho e no trabalho de preservação de memória que ele faz por Mossoró em sua forma de ver e tratar o que existe. Lembrei deste livro, que dali a alguns dias eu deveria começar a prefaciá-lo. Repassei a sua empolgação com o lançamento das páginas fotográficas sobre as enchentes que já aconteceram em Mossoró. Recebi várias dessas fotos que ele reuniu por e-mail e, em seguida, a ligação: “filha, painho mandou uma foto de enchente pra você. Viu o sorriso de tal pessoa mesmo na adversidade que coisa linda?” ou “Que ar de serenidade. Deve ter sido um dia bom, pois provavelmente agradeceu por não ter acontecido nada pior”.

Empolgação igual a quando começou o trabalho com o site Azogue e, em seguida, os livros *Do Bumba*, *Da Época* e *Mossoró*, *Meu Xodó*. É preciso, é urgente, cuidar da cultura e memória das cidades, famílias e instituições, e ele agarrou essa missão como algo vital. Não à toa, *“herdamos” vários álbuns de família e, se você deixou alguma foto com Caby, por favor, nos procure*.

Eu colocaria o nome completo dele bem aqui, mas com medo de um castigo ainda desconhecido, vou chamá-lo de camaradinho. Pois bem. Ele é mesmo, sem dúvida, essa espécie de Marco Polo em meio à tão amada Mossoró. Arrisco dizer que o filtro que tem para ver as coisas é mais raro que seus tamancos. O essencial é mesmo invisível aos olhos e que bom,

meu painho, que você sempre soube ver com o coração e com o seu terceiro olho doidinho e mágico.

Alguém poderia ter conquistado, sei lá, o mais alto cargo de uma instituição qualquer, mas certamente não seria por isso, exclusivamente por isso, que mereceria sua admiração. Algo que facilmente acontecia com quem fugisse do hábito e fizesse coisas “mais sensatas”, como decorar e guardar na memórias todas as placas de carro da cidade ou doasse quase todos os bens para começar uma nova vida de cabeça pra baixo, desde que fosse o melhor nisso.

Caby gosta mesmo é de gente e, sobretudo, de gente que goste de gente. Era daquele traço de desatino e imprevisibilidade que faz cada ser único que ele sempre vai lembrar e por isso ser lembrado e amado – além da data de aniversário, claro. Daquele jeito de sorrir alto por uma de suas repetidas piadas, da tranquilidade e habilidade para sair de perrengues, dos dispostos a ajudar, de quem compartilha. Para ele e suas escolhas, todos devemos olhar com uma régua tão reta quanto os caracóis do seu cabelo. Não é esquerda nem direita, muito menos centro. Não é revolucionário e tampouco conservador. Ele era, ele é, e eu só quero sê-lo.

Quando eu estudava no Colégio das Irmãs (Colégio Sagrado Coração de Maria) e crianças acostumadas a algo tão cafona quanto homens usando sapatos me perguntavam insistentemente o porquê de o meu pai usar tamancos (algo de mulher, oras, que absurdo). Como assim o conheci e tamancos eu também usava quando pequena, iguais aos dele, veja só, andei pelas beiradas em busca dessa resposta. Adultos me deram várias explicações que iam da década hippie à possibilidade de o calçado ser usado em forma de marca publicitária pessoal ou protesto.

Insatisfeita com as respostas, precisei interrogá-lo, cheia dedos, para ouvir a resposta definitiva, a real, garanto. “Ah, é só porque eu gosto mesmo”. E era isso. E assim era também para o seu cabelo *black power*, seu apelido

que virou nome, suas camisas 3|4 listradas, sua bebida vermelha chamada Campari (com gelo picadinho, por favor), o cigarro Charm até tirarem de linha, o perfume Lapidus, só sentar à direita em ônibus e avião e gostar muito mais de pessoas canhotas.

Porque ele gostava e isso bastava com uma simplicidade que a gente bem que poderia adotar. Ao ver minhas últimas tatuagens, disse que não achava legal. Eu respondi que também não gostava de tamancos, por isso não usava, de modo que ele só precisaria não fazer uma tatuagem. Ele sorriu, quietinho, e disse que era por aí. Anos depois, eu havia então capturado seu sentido para estética. Se gosta, use.

Foi uma alegria vê-lo estampado no livro “O Bom de Mossoró é Você”, de Sergio Levy e Pacífico Medeiros, como um dos personagens que fazem a cidade que tanto ama. Entre as coisas que mais me marcaram, estão o título que o chama de “um camaradinho do bem”, a resposta dele sobre ser hóspede da vida e só se meter na vida dos outros se for pra ajudar (era bem isso) e dizer que o mais gostava era não saber o que ia fazer daqui a pouco.

>>> *Pausa de dois dias para a continuação deste escrito. Pausa para um analgésico que não vem. Pausa para fichas que às vezes não caem e às vezes caem como correnteza brava.*

Camaradinho psicandeiro: meio psicólogo e meio curandeiro

Ao retomar o prefácio, preciso que quem me lê permita o pacto de pensamento positivo verdadeiro. Pois é agora que entro na etapa Caby-psicólogo e, provavelmente, além de suas próprias histórias com ele, amigos e amigas, as próximas linhas são o que ele gostaria que vocês soubessem, seguissem e fossem.

Psicólogo, sim. Ele disse algumas vezes que se tivesse feito faculdade, gostaria de ter feito psicologia. E jornalismo, rádio, publicidade? “Não,

filha, psicologia. Acho que eu seria um ótimo psicólogo”. E o caminho psicológico que ele traçou até à vida adulta linda e torta, resumir eu não consigo. Só garanto, garanto mesmo, que uma de suas mais estupidamente lindas qualidades era ser a imagem da evolução, da busca e entrega às pessoas.

Marrento e teimoso, o nosso camaradinho passou os últimos anos se ocupando em deixar seus defeitos cada vez mais suaves e esquecidos. Só procurar o ser, fazer o bem e, assim, foi o bem materializado. A sua sonhada psicologia veio nesse processo de vontade absurda de ver as pessoas felizes. Tá, tá, tá. Todos queremos o bem geral, mas, veja, era um querer diferente aquele dele. Querer visceral pela felicidade de todos e bem geral da nação Mossoró. Só faltou “dizer ao povo que fico”, em carne e osso, porque suas ideias e legado, sim, ficarão para sempre. Tão certa quanto a saudade *caninguenta* que aqui está.

Meu painho comemorava emprego novo do primo do vizinho da amiga, aquela prima que conseguiu engravidar após doença grave, a filha do conhecido que passou no vestibular, a colega que se recuperou de um câncer, o casal que se reconciliou ou aquele sofrido do bar cheio de dor de cotovelo que encontrou novo amor e voltou a sorrir. Quaisquer dessas histórias o faziam mais feliz. De verdade. Falo com a propriedade de quem recebia uma sequência de ligações durante suas comemorações por aí, muitas regadas a Campari, música, e conversas infinitas.

Não sei se foram os tamancos que lhe deram tamanha sabedoria. Mas a forma simples e pouco convencional como via a vida, no mínimo, relaxam qualquer um. Para ele, sentir a felicidade das pessoas que gosta era algo fascinante e motivo de sobra para discursar sobre quão *verdadeiramente e brilhantemente e fantasticamente linda* é a vida que o “barbudo lá de cima” nos deu.

Recentemente, estava se achando psicólogo clínico de casais. “Filhinha,

painho conversou muito com tal e tal e acho que vão voltar o relacionamento. Estou trabalhando pra isso”. Para minha surpresa, sua missão de conselheiro tinha encontrado novo gás. Seu amigo e também realizador dos livros Azougue.com e anteriores, Argolante Lopes, me disse que painho contou que em outra vida tinha sido curandeiro e que estava nesta vida só pra ajudar as pessoas. Então, se ele já tentava fazer isso antes, ultimamente estava certo que tinha que procurar todo mundo que precisasse daquela força e dar um jeito. Eu consigo ouvir e imaginar cada palavra dita a Lopes, numa mistura de inocência e desprendimento que só, somente só, Caby da Costa Lima.

Ele me dizia e me mostrava como a coisa mais importante que a gente poderia fazer era ser parte da vida pessoas. Lutar por elas, estar por elas, comemorar com elas, como se fossemos mesmo um só. Precisamos continuar fazendo isso. Se vejam, me liguem, eu ligarei para vocês nos momentos em que acho que ele ligaria. Se reúnam e reúnam outras. Como se ele estivesse aqui puxando um por um e uma por uma.

Se ame e coma feijão

Essa ideia de compartilhar, se envolver e conviver certamente é o conselho mais importante do nosso psicólogo Caby, mas há outros, de relevância quase igual como, por exemplo, comer feijão para curar dor de amor. Esse veio no ano de 2006, quando acabei meu primeiro namoro. Ao me ver chorar sem parar e tentar todas as formas de acabar com aquilo, tentou me perguntar exatamente o que doía. “É dor física, painho, parece que estão apertando meu coração”. Ele não sabia nem pronunciar as palavras ao imaginar que eu estava, mesmo que em uma possibilidade muito distante, tendo algo parecido com um infarto. Saiu de casa decidido e voltou com uma quentinha cheia de feijão. “Alicinha, painho falou com tia Cândida e um amigo médico. Você está triste, meu amor, é normal, mas essa dor no peito, filhinha, pode ser falta de feijão. Painho comprou bastante feijão. Vamos fazer um esforço e comer agora”.

Não sei se a tal dor passou naquele instante, mas lembro que o choro evaporou, morri de rir e ele demorou alguns anos pra entender que a ideia do feijão parecia ligeiramente, só ligeiramente, absurda. Ao entender, esse conto virou eterna piada entre a gente, embora o conselho ele continuasse a dar. Se alguma amiga minha acabava o namoro, ele fazia questão de ligar para dizer, em termos mais contextualizados, algo como “se ame e coma feijão”.

Nunca tive conselhos óbvios para uma jovem como “não use drogas” ou “não engravide antes do tempo”. Painho sempre se dedicou a coisas mais importantes: “Não vá pro Carnatal de pés descalços”, “Você deveria usar seu nome completo, Alice Marina Lira Lima, ou só Alice Marina, ou só Alice Liralima, pois fica diferente”, “Em primeiro lugar, se ame, filha, e o resto vem”.

Ai que saudade d’ocê

Eu estava sempre com ele chegando à escola, de mãos dadas, em meio a uma avalanche de mães com seus filhos. A ida e a volta do colégio nos eram sagradas. Mães de grandes amigas sempre me contaram como ele ia perguntar qual a mochila legal para também comprar pra mim, em qual lugar encontrar o carrinho da moda que carregava a bolsa. Ficava logo amigo das minhas professoras e adorava contar os elogios que, dizia ele, elas me faziam.

Ao reunir suas fotos para esse livro, encontrei várias em que ele me olhava profundamente, como quem diz “sou seu painho e sempre vou estar aqui pra você”. Ao reler nossas conversas no WhatsApp, mesmo quando não havia contexto no assunto, várias vezes ele dizia algo parecido com isso, que estaria comigo para sempre. Eu tenho procurado formas de ele ter partido só mais ou menos e cada dia me convenço mais de que, sim, ele sempre estará comigo. Estará neste livro, em cada vez que (você que me lê e eu) estivermos juntos, a cada vitória que eu conquistar, em cada pessoa

que eu procurar dar força e ajudar, cada sorriso verdadeiro que eu der.

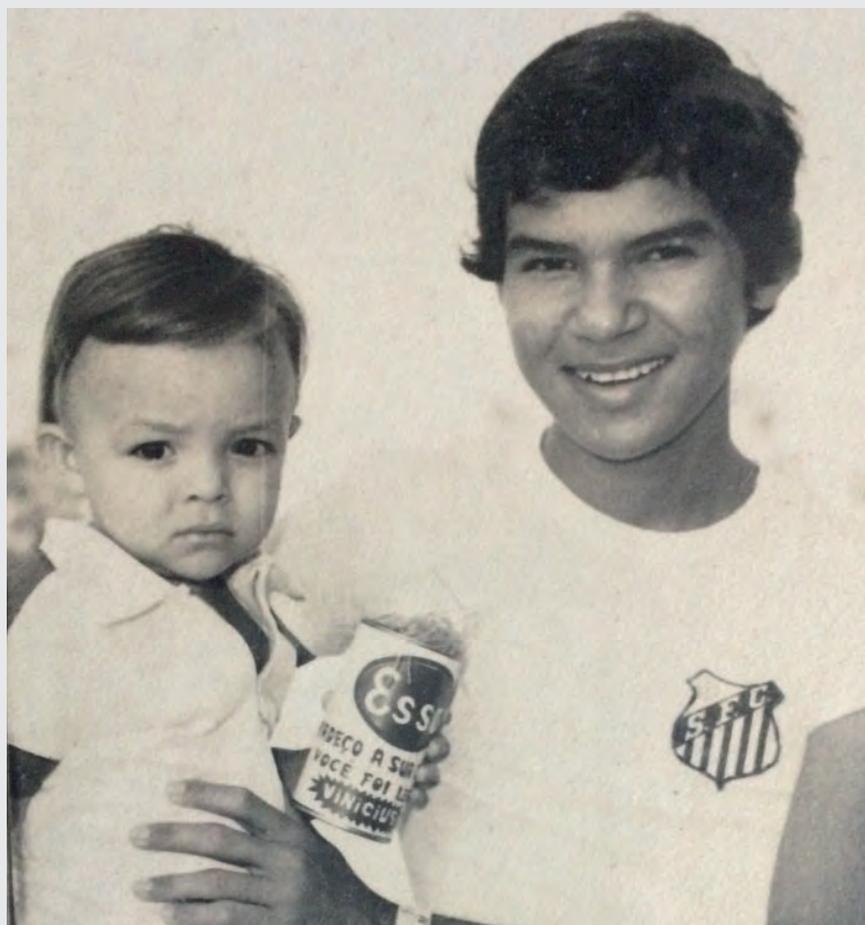
Sei que dizem por aí que não somos felizes sempre e que temos apenas momentos de alegria, mas imagine que eu fui ensinada, desde muito cedo, que somos felizes todo dia e temos apenas momentos de baixa (“mas isso, passa, filha, tudo sempre passa”). E assim, tendo a maior sorte que alguém pode ter na vida, tendo o pai mais diferente e cheio de amor, como eu poderia acreditar que não? E aí eu tenho caçado formas, formas de aliviar essa saudade d’ocê, essa saudade sem fim. Sou uma boa caçadora.

Nesses pensamentos de busca, penso em como ele nos diria o que aconteceu, como Caby nos confortaria sobre a sua partida. Penso que seria mais ou menos assim, falando pra mim, juntando e resumindo tudo que ouvi dele:

“Filhinha, veja só, painho vai precisar ir agora. Quando o ‘barbudo lá de cima’ chama, não tem jeito. Tem que ir. Mas não é pra ficar triste muito tempo, tá bem, meu maior afeto? Essa é a lei da vida. Olhe como Deus foi bom pra gente. Painho poderia ter ido, pela mesma doença, quando você tinha uns três ou quatro aninhos e aí a gente não teria ido tantas vezes à escola, eu não teria a relação tão linda que tenho com a sua mainha, eu não teria te apoiado nos términos de namoro e mandado você comer feijão, não teria visto você passar no vestibular, não teria usado sapatos e dançado até de manhã na sua formatura, nem teríamos comemorado o resultado da seleção de mestrado, que foi bem no dia do seu aniversário e nós comemoramos juntos por dias, lembra? E o principal, filha, eu não teria te apresentado tanto que você pode conquistar o que quiser na vida e dito pra você se amar sempre. Agora painho vai, mas deixa você profissional, crescida, com sua irmã e sua mainha, cheia de amigos tão bons, suas tias e tios, tem seu namorado e sua cachorrinha. Seja forte e corajosa, porque mar calmo nunca fez bom marinheiro e tem uma coisa que você não pode esquecer: painho sempre vai estar com você”.

Aos amigos e amigas, eu faço uma extensão do conselho que ele me daria. Só precisamos adaptar as experiências vividas. Agradeço imensamente pela amizade compartilhada, pelo amor que ele recebeu aqui na terra e hoje em forma de oração. Sou muito grata por ser “Alicinha de Caby” e por tudo que ele representa. Que belo dia o que minha mãe passou em frente à rádio e, naquele momento, Deus sacramentou que muitos anos depois eu viria para eles. Sempre gostei da forma que ela conta quando ele me viu pela primeira vez e aquilo parecia encontro de almas. Era mesmo. Tenho ainda muitos desejos deles a cumprir e, com vocês, vamos passo a passo. O mais importante deles, para todos nós, é que sejamos felizes. Enquanto ela volta, a gente tenta e não me admiro se um dia um beija-flor invadir a porta da minha casa, me der um beijo e partir. “Te mando um monte de beijo. Ai que saudade d’ocê”.

Da Bumba



Vinicius Victor e Carlinhos Rocha Filho - 1975



Nilse, Renilson, Isabelley, Edmilson Silva e Isadora -1990



Manoel Padre, Venâncio, Raimundão,
Antenor Saraiva e Ari do Cartório - 1984



Diran Amaral, Xixico Oliveira, Vicente Moraes,
Gonzaga Souza e Olímpio Rodrigues - 1983



Terezinha / Raimundo Olímpio - 1988



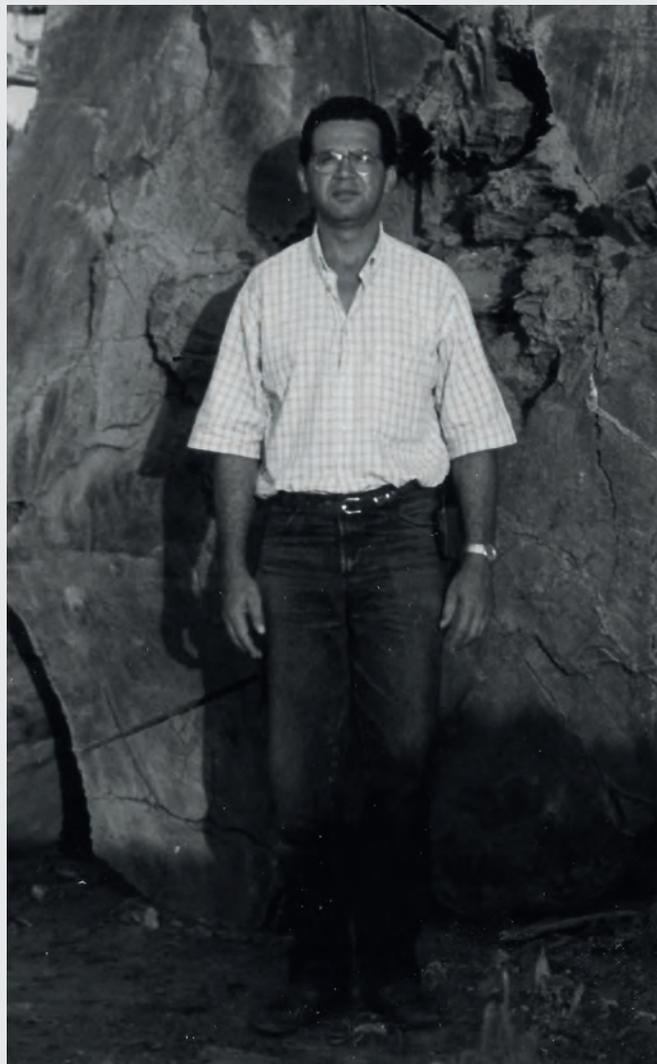
Kayla Kaliane, Lara, Juninho Néó/Suzana
e Zélia Maria - 2003



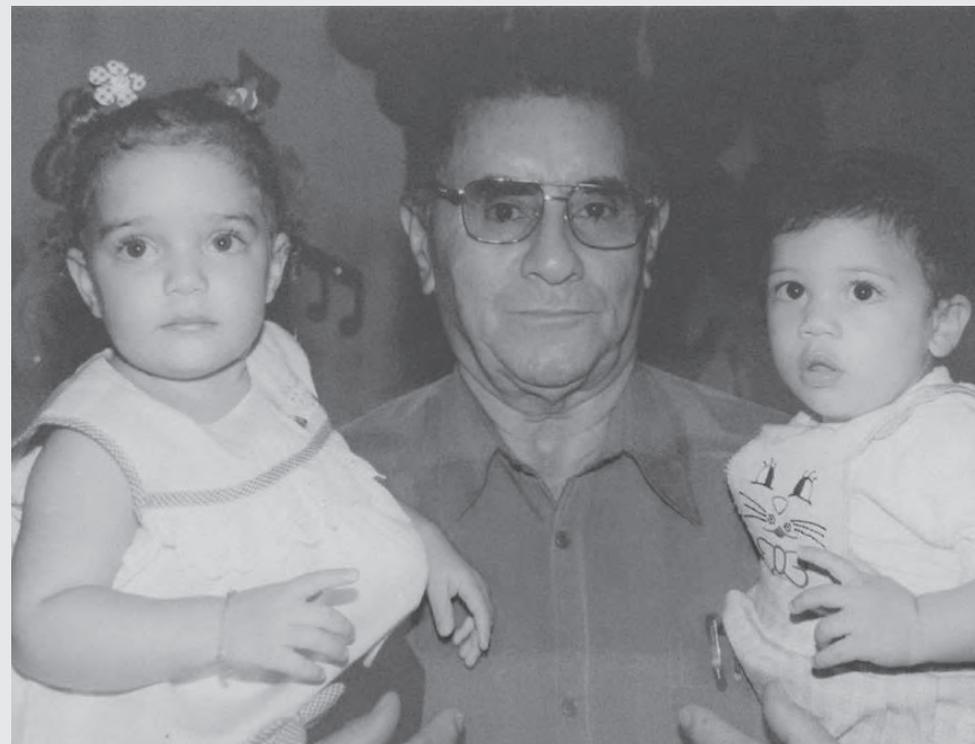
Orlando Alencar e Xixico Oliveira - 1968



Fátima/Pedro Noronha - 1990



Aldecir Sousa - Nenem - 1998



Beatriz, José Lopes e Bruno - 1998



Pedrinho da Flama e Hipólito Monte
- 2002



Elizenir e Andrea Jales - 1981



Canindé Gadelha, Aldeirton Nogueira,
Batista Germano e Chico Oliveira - 1989



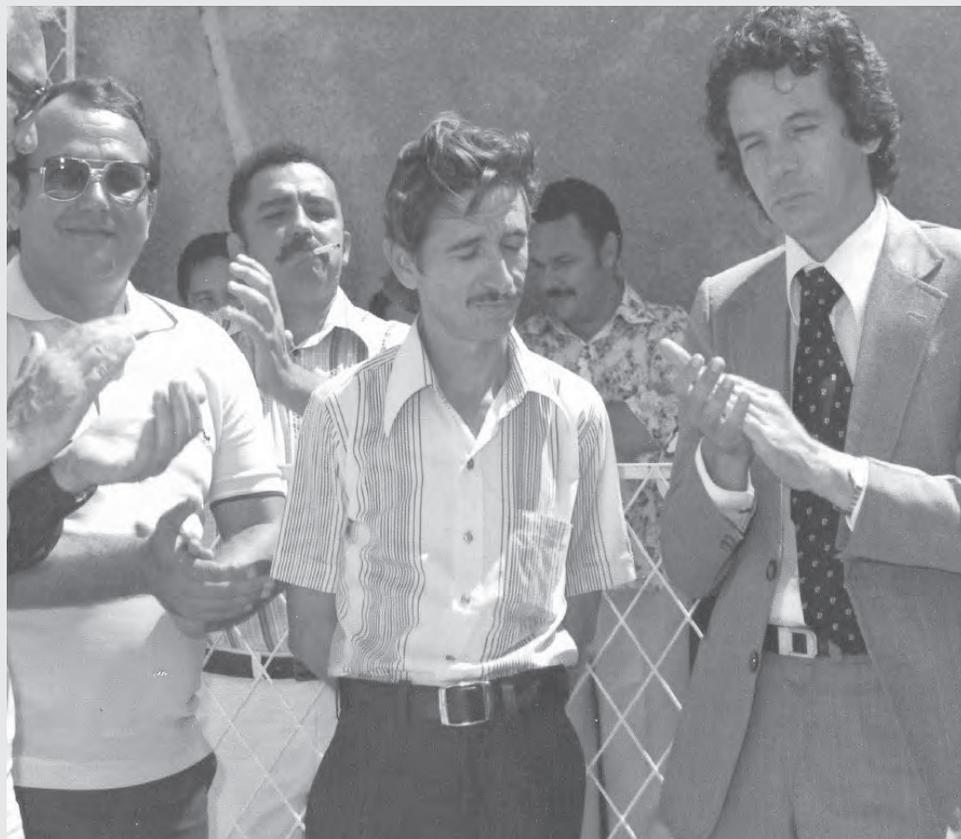
Riane/Francisco Barbosa e Alceu Leal - 1993



José Maria Viana, Souzinha, Francisco José e Cláudio Montenegro - 1997



Bira Menezes, Dona Amélia e Assis Menezes - 1973



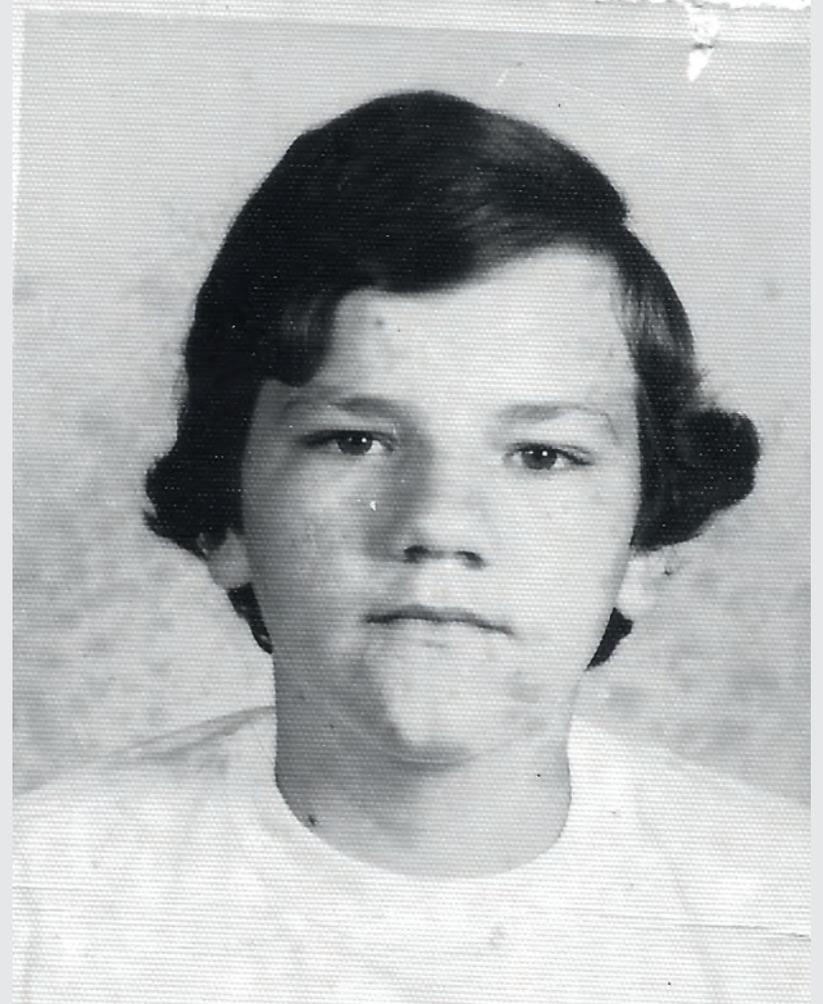
Lupércio Luiz, Pedro Moura, Alencar Monteiro,
Aguinaldo Pereira e Alcimar Torquato - 1976



Adelaide Silva de Sousa - 2004



Jarbas - 1999



Jonh Rolim - 1977



Zé Mário, Geraldo, Tarcilinho, Rútilo Coelho, Severino da Carne Assada, Anchieta Fernandes de Zé Dias - 1991



Gonzaga Chimbinho, Vingt un, Raimundo Vieira, Filemon e Roberto Costa Lima - 1981



Rafael Negreiros - 1986



Manoel Barreto, Noilde e Porcino Costa - 1989



Rômulo, Antônio de Castro e
Andiro Clayton - 1993



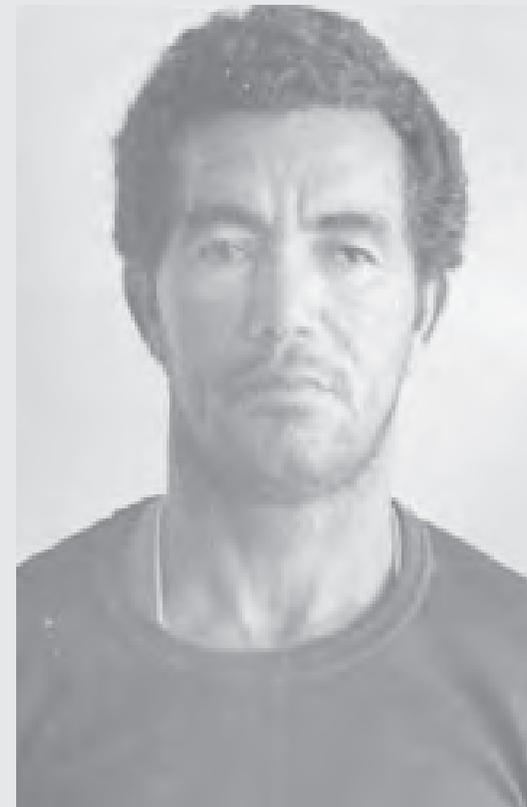
Wilde Germano, João Carrilho, Edmar
Germano, Zé Dias e Ramilson Tito - 1978



Luiz Mendonça - 1977



Valmir Mendonça - 1986



Damião Corina - 1987



José Montenegro, Helenice, Marcelo, Alberto e Cinara - 1972



Armando Lúcio - 1996



Saraiva Dantas Sobrinho - 1987



Tarcísio Rosado e Silvio Torquato -1978



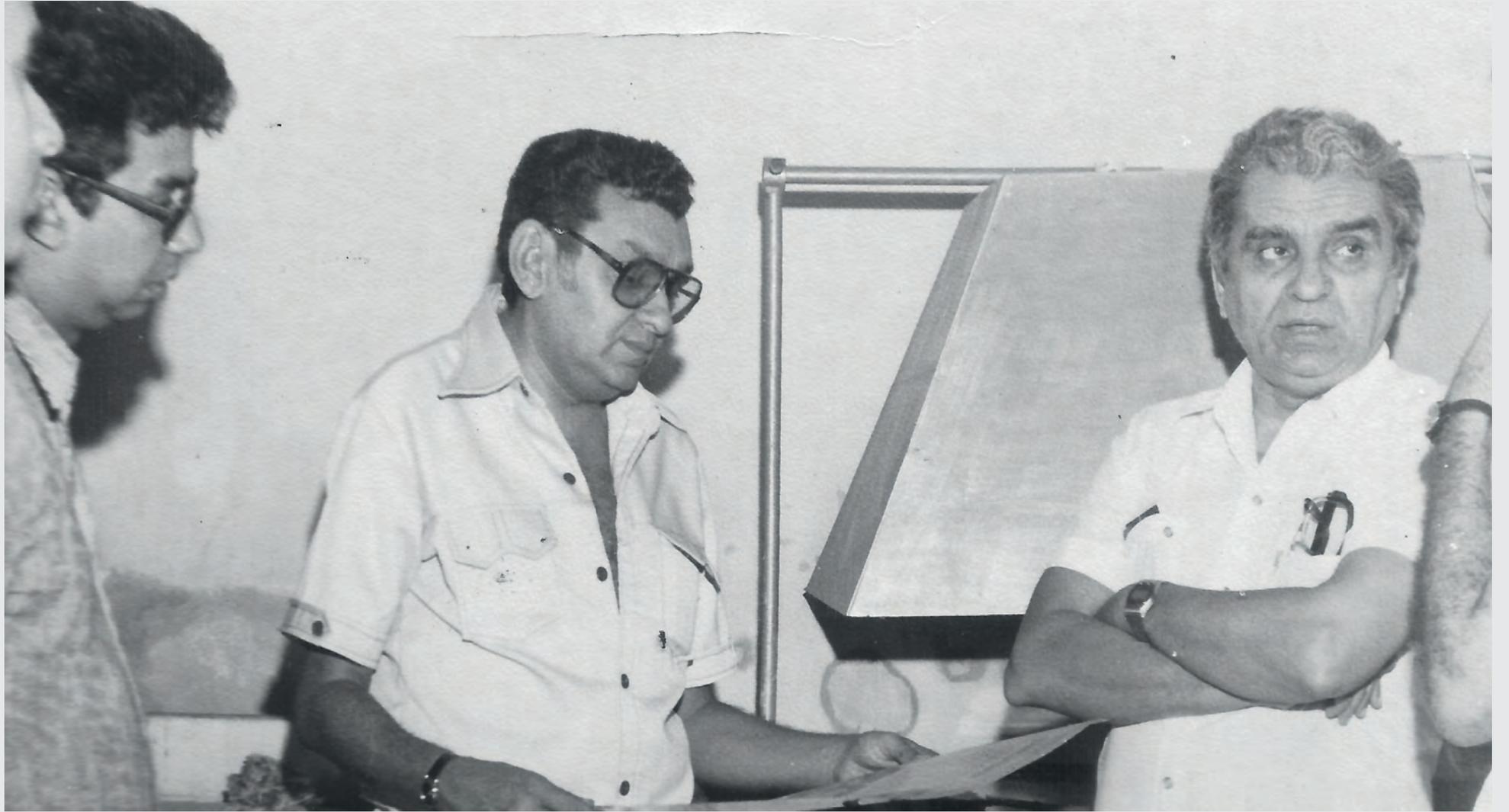
Gilberto Loia e Andiro Clayton Dias - 1994



David Leite - 1989



Matias do pastel, João Marques Neto, Fátima Marques e Lissa - 1994



Garibaldi, Agnelo e Aluizio Aves - 1977



Eider Barreto de Medeiros - 1992



Maria Lúcia, Tomaz Neto e Vicente Rêgo - 1993



Dalvinha Rosado e Ivanilda Linhares - 1996



Edvaldo Santos e Glória - 1997



Maria Augusta Xavier Gurgel - 1987



Raimundo Putim e José Carlos Matos - 1990



José Adelson - Apodi - 1981



Rutenio Queiroz - 1997



João Batista Melo, Carlos Oliveira, Carlos Sérvulo e Ricardo Freire - 1985



Maria Emília Pereira - 1971



Anchieta Fernandes, Fco Lobato e Fco Chagas de Lima - 1960



Rafael da Agrotec, Aldeci Lima, Chico Pinto e Kerginaldo Cavalcanti - 1991



Rômulo Negreiros e Genildo Miranda - 1958



Elviro Rebouças e Tibério Rosado - 1981



Lenk Régis e Lenille - 1999



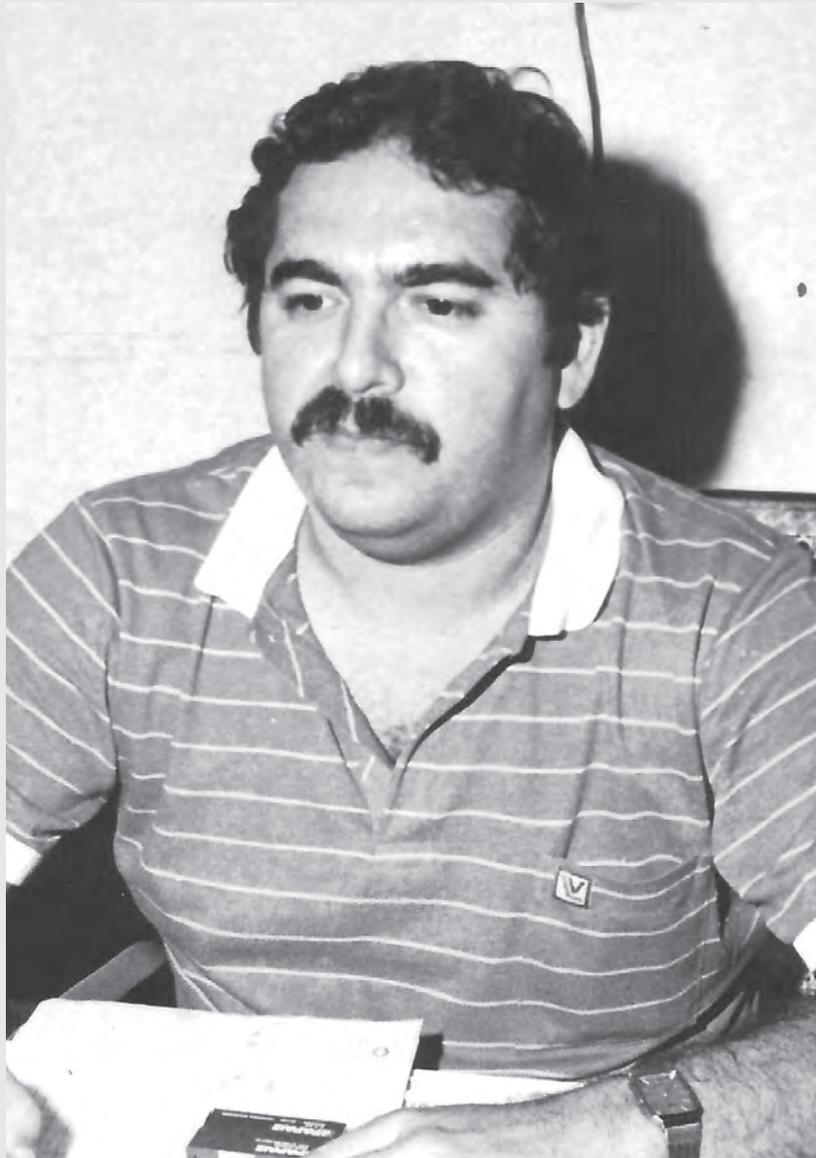
Inauguração da Rádio Difusora - Vingt un Rosado, o orador oficial - 07 de setembro de 1950



Cleodon Bezerra - 1990



Padre Américo e Paulo Gutemberg - 1977



Pécio Almeida - 1988



Expedito Ferreira de Sousa, Zé Mário Dias, Waguinho Soares e Ana Katarina Dantas - 2000



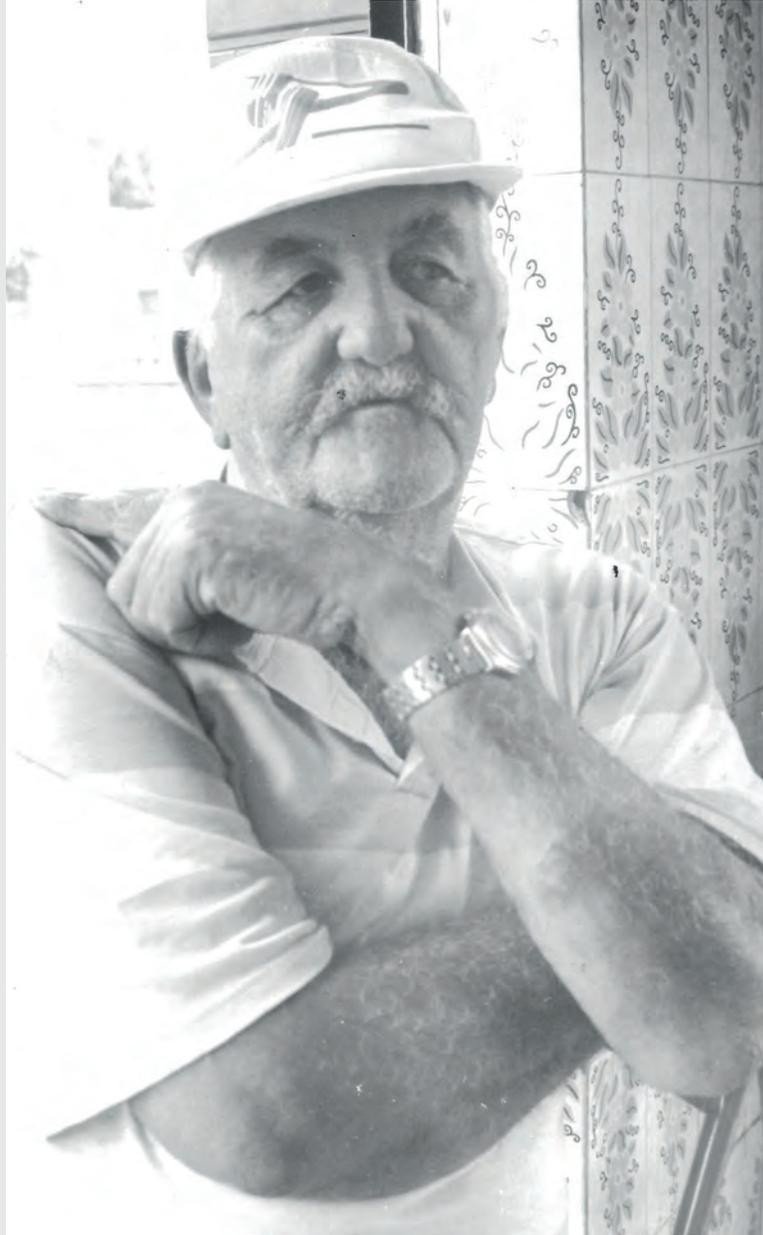
Nilson Brasil - 1982



Nilo Santos - 1986



Neto Autopeças - 2001



Juca - Jucas Bar - 1990



Chico da Graxa - 1989



Ewerton Aragão - 2000



Carlos Jerônimo Dix Sept Rosado - 1990



Amadeu Vale, Dix-Neuf Rosado e Manoel Barreto - 1968



Lauro Rosado - 1999



Socorro Aragão - 1994



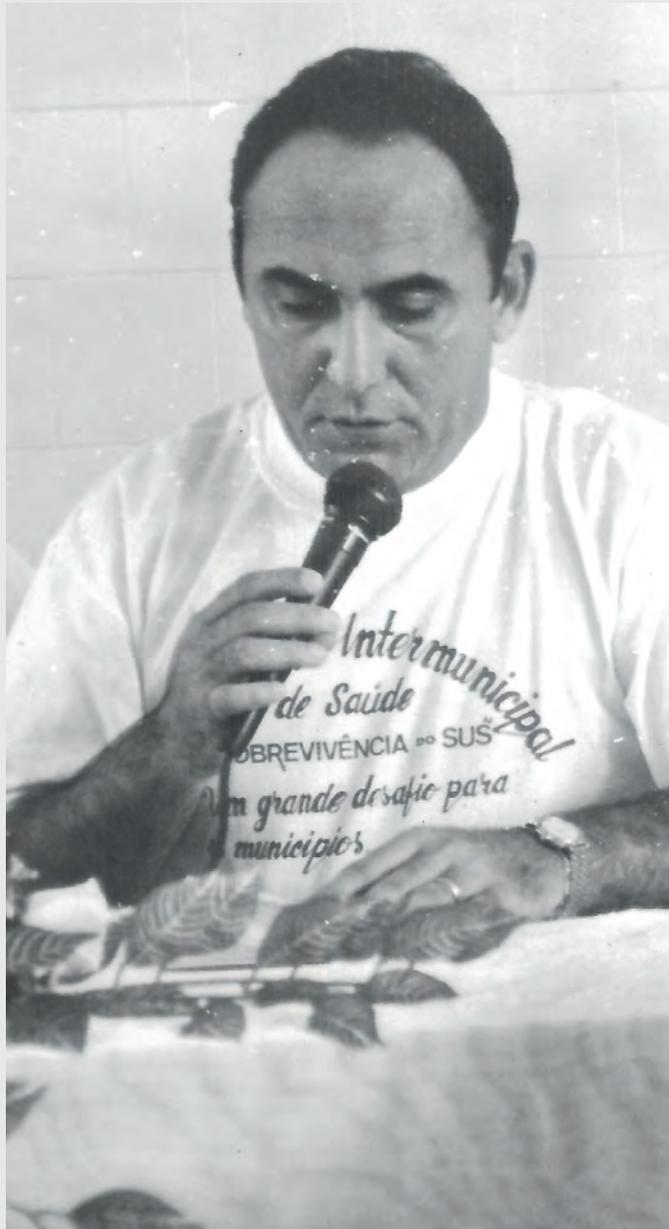
José Hernaíde da Cunha - 1976



Seu Lopim - 1990



Guga Duarte e Regy Campelo - 1994



Lair Solano Vale - 1984



Luiz Escolástico, Lucas Alves, Soutinho, Niná, Elviro Rebouças e Fernando Rosado - 1985



Leodécio Néó, Rosado Cantídio e Antonio Gastão - 1988



Xavier Lima - 1980



Chiquinho Germano - 1985



Paulo Gameleira, Marcos Araújo e Vicente Venâncio - 1996



Chico Pinto - 1986



Paulo Mendes - 1989



Margarete Lira - 1994



Isadora Rosado e Michele Rosado Cure - 1997



Antônio Luz, Tarcísio Maia, Paulo Gutemberg, Joca Bruno e Souza Luz - 1955



José Cláudio Queiroz Pinto - 1980



Luis da Véia - 1987



José Tarcísio Jerônimo - 1986



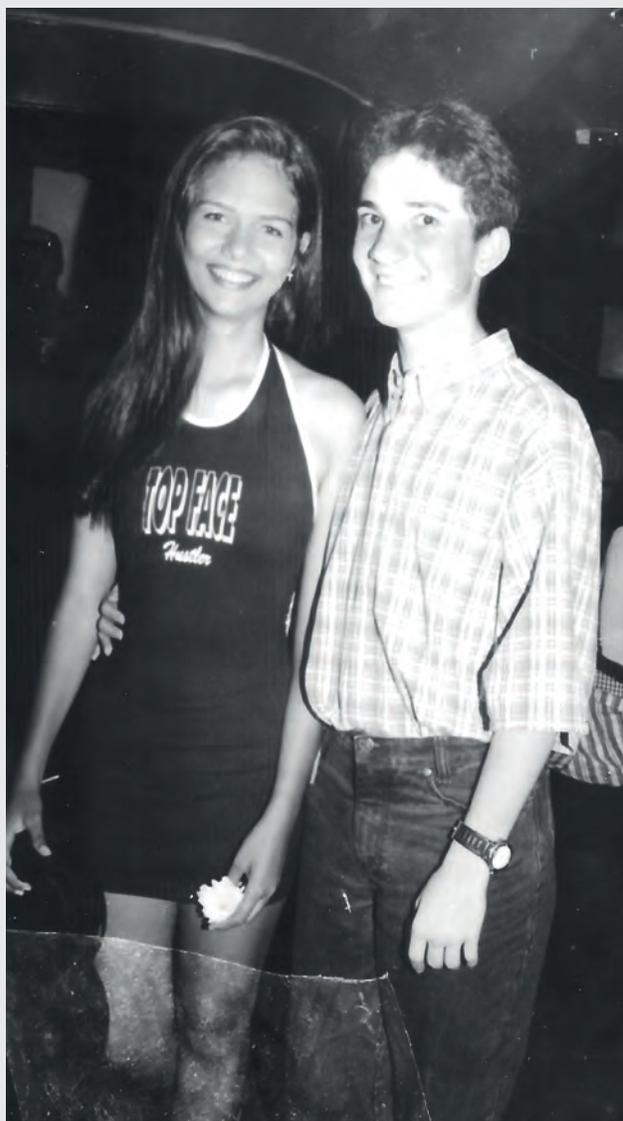
Jota Belmont - 1977



Cid Salém Duarte - 1992



Everardo Praça - 1994



Lílian Moura e
Georgiano Azevedo - 1996



Nonato Gaxeiro - 1979



Elizeu Ventania - 1992



Souza Neto - 1999



Seu Pio - 1979



Iran, Salete, Benício Filho, Luzia, Glória, Lima Neto e Ivonete de Paula -



Chiquinho Sapateiro - 1989



Marlos, Lorena Rosalba, Carla e Cadu Ciarlini Rosado - 1988



Alcimar Torquato, Tarcísio Maia, Lavô, Zezito Martins e Nonatinho - 1975



Vilmar Pereira, Leopoldo, Nilson Brasil e Noguchi Rosado - 1996



Ângelo Máximo e Dercy Costa - 2004



Eva, Walter Júnior e Isadora Fonseca - 1994



Leopoldo Gurgel - 1998



Augusto Teixeira - 1986



Flávio Gurgel, Titôho, Lúcio e Gervásio Lemos - 1993



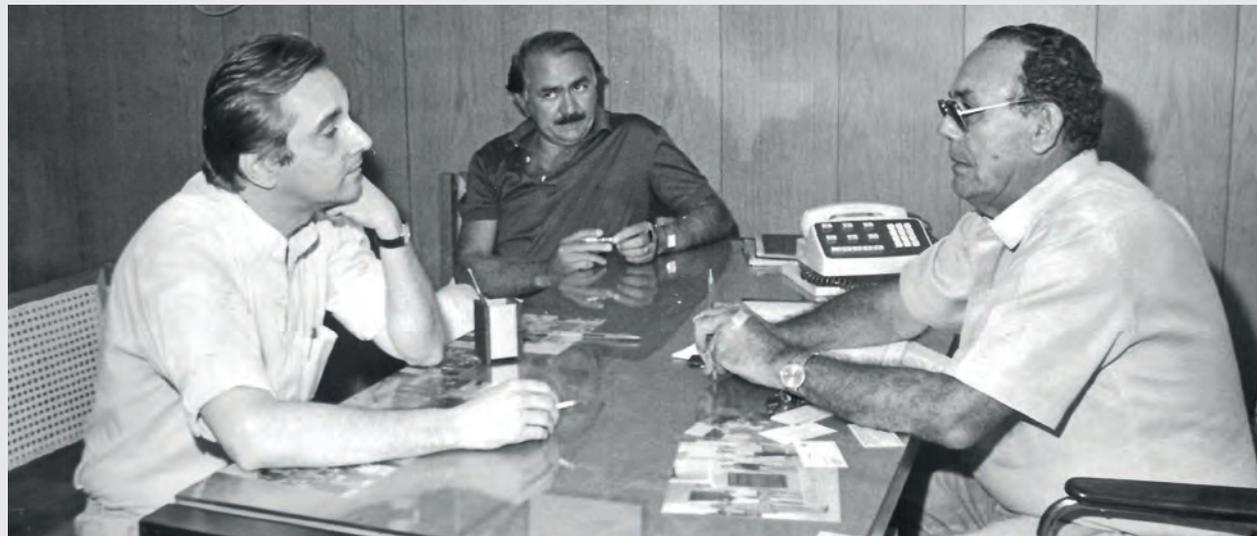
Maurício Oliveira - 1996



Frederico Rosado e Elano Cantídio - 1986



Vingt Rosado, Laire, Joaquim Amaro, Henrique Alves, Aluizio Alves e Bira Rocha - 1994



José Agripino, Rútilo Coelho e Silvio Mendes - 1992



Antoneli, Wilson Fernandes e Raimundo Vieira - 1974



Paulo Menezes - 1989



Luiz Cruz, Pedro Leão, Zé Benjamim, Terto Aires, Aldecir Lima e Zé Cruz - 1969



Sílvio Mendes, Pe. Sátiro e Radir Pereira - 1984



Aldemir de Sousa e Jorge de Castro - 1997



Zélito Nunes, Siqueirinha, João Fernandes
e Waltércio Silveira - 1995



Carlos Eduardo Alves e Carlos Santos - 1993



Peninha e Carlos Skarlack - Projeto Seis e Meia - Teatro Lauro Monte Filho - 1999



Erasmio Firmino - 1992



Mima Vasconcelos - 1999



Lúcia Nascimento - 1970



Henrique e Nayara Rosado - 1996



Cleide e Luiz Gomes - 1999



Alan Lima - 1990



Ivo Lopes, Newton Santana e Valdemar Silveira - 1996



Eraldo Carlos, Marcos Perdigão, Rinaldo Coelho e Itan - 1991



Ginkana promovida pelo empresário, José Cláudio Queiroz Pinto - Rua Cel. Vicente Saboia - 1968



Nazaré / José Izídio e Anchieta Costa Lima - 1999



Armando Lúcio e Expedito Ferreira de Sousa - 1999



Eliete Ferreira - 1994



Amauri Fernandes, Fernandinho Rosado e Paulinho da Honda - 1968



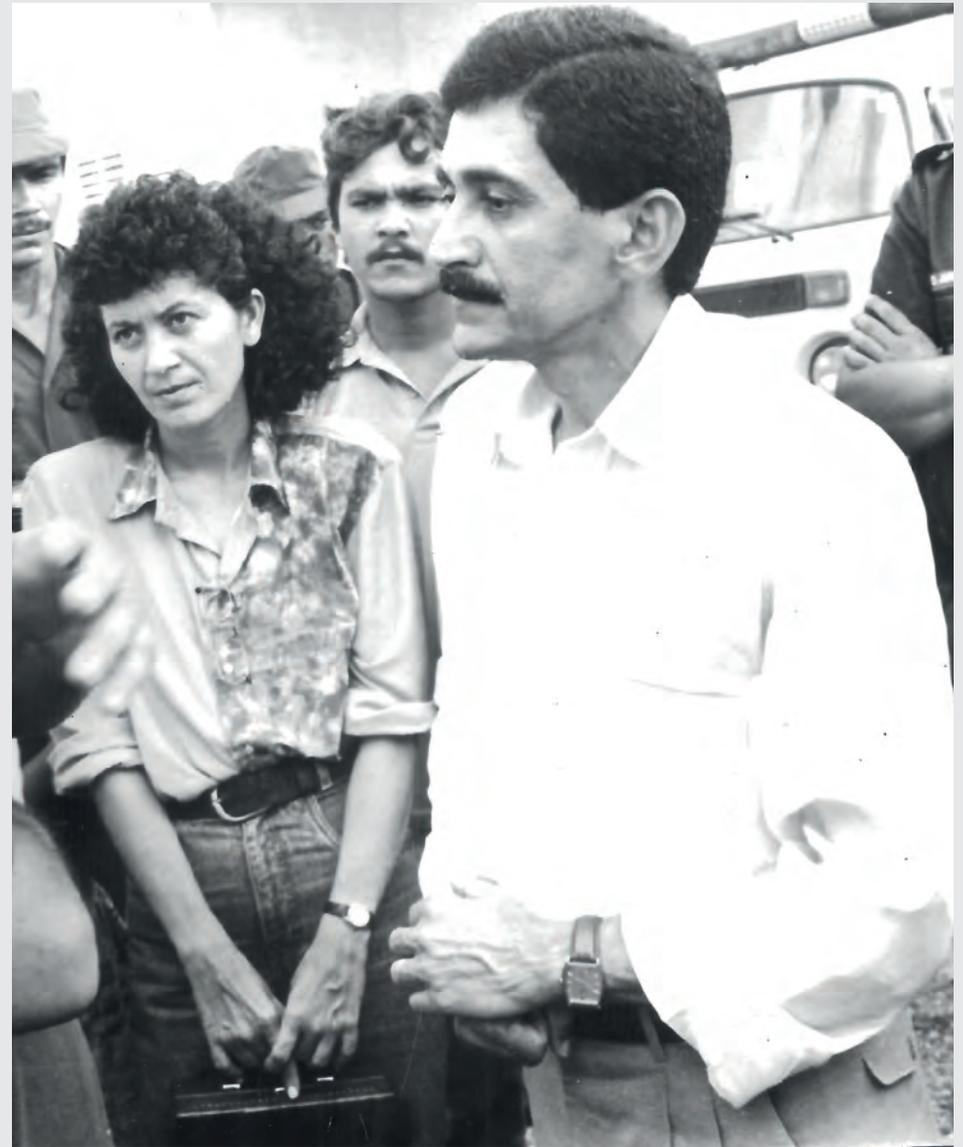
Francisco Braz, Rosalba Ciarlini e Antônio Mota - 1999



Jáder Luís Henriques da Costa - 1994



Gonzaga Sousa e Zé Carlos Lima - 1975



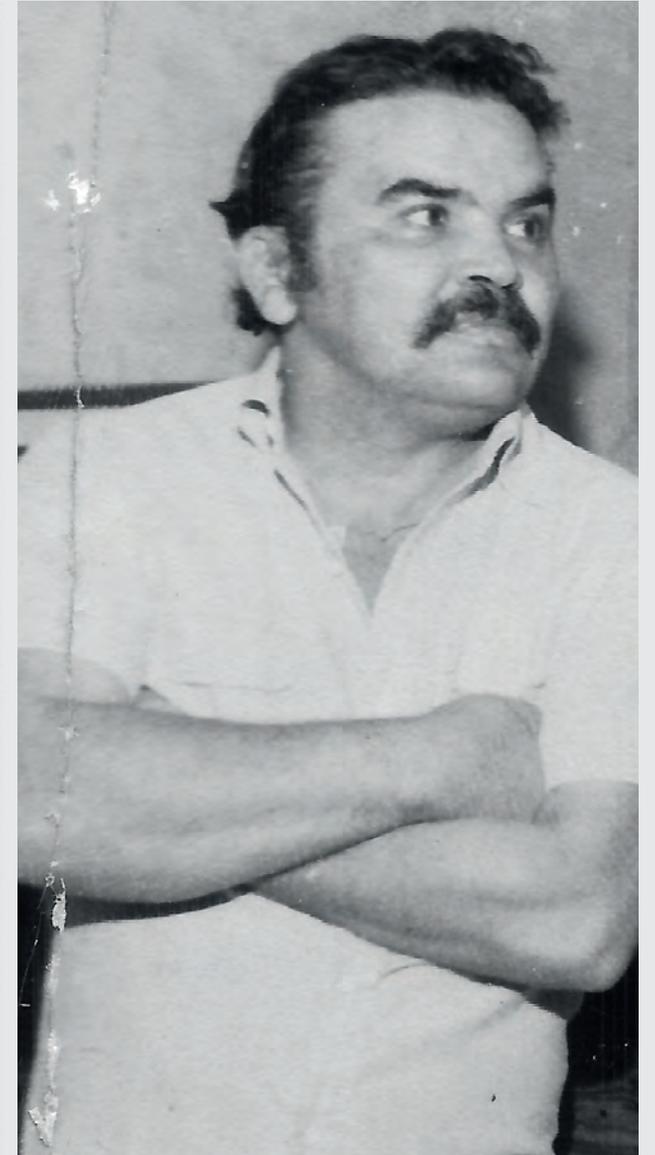
Aglair Abreu e Gonzaga Chimbinho - 1989



Bruna Duarte Vale - 1999



Uziel Santiago - 1972



Rubens Lemos - 1982



Yatagan Falcão - 1983



Genivan Vale - 1998



Sherly Dias e Lúcia Cândia Rosado - 1989



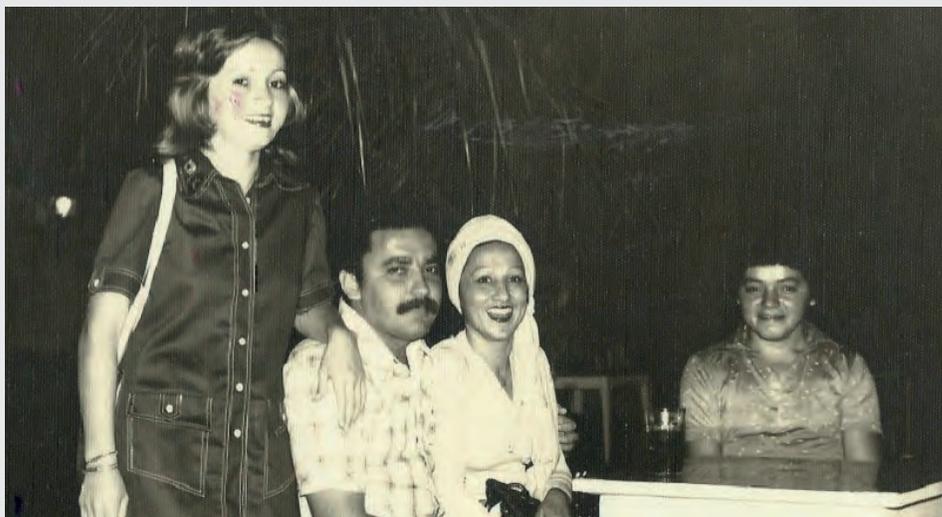
Luiz Moura, Wilson, Gilvan, Gilberto, Zinho, Luiz Gonzaga e Marcos - Banda Geração 60 - 1999



Casa de shows Acapulcu's - 1994



Wagner Soares, Ana Luiza e Ticiania - 1998



Cristina Lopes, Pedro Moura, Alacoque e Dedé Lopes
- 1975



Stenio Max / Tércia -1998



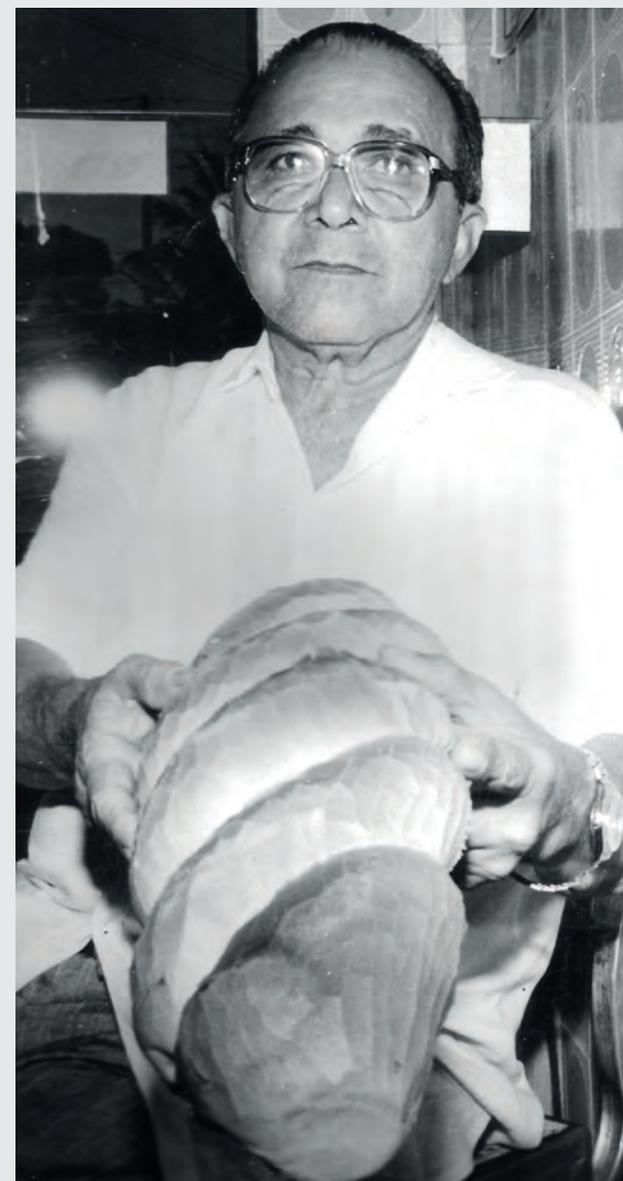
Júnior Pirata e Kiko Rosado - 1980



Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, Titico Maia, Silvio Mendes e Assis Amorim - 1968



Carlos Augusto Rosado, Jota Belmont e Radir Pereira - 1985



Zeca de Belo - 1992



Identificados: Laíre Rosado, Henrique Alves, Sérgio Oliveira, Geraldo Melo, Edmundo Torres, Otoniel Maia, Pe. Sátiro e Vingt Rosado - 1987

Da Época



FLÁVIA E BETINHA ROSADO - 1985 - 2018



DANIEL FARIAS - 2004 - 2018



PAULÃO - 1990 - 2018



JUAREZ VALE/VANINHA E REGINA/GETÚLIO VALE - 1997 - 2018



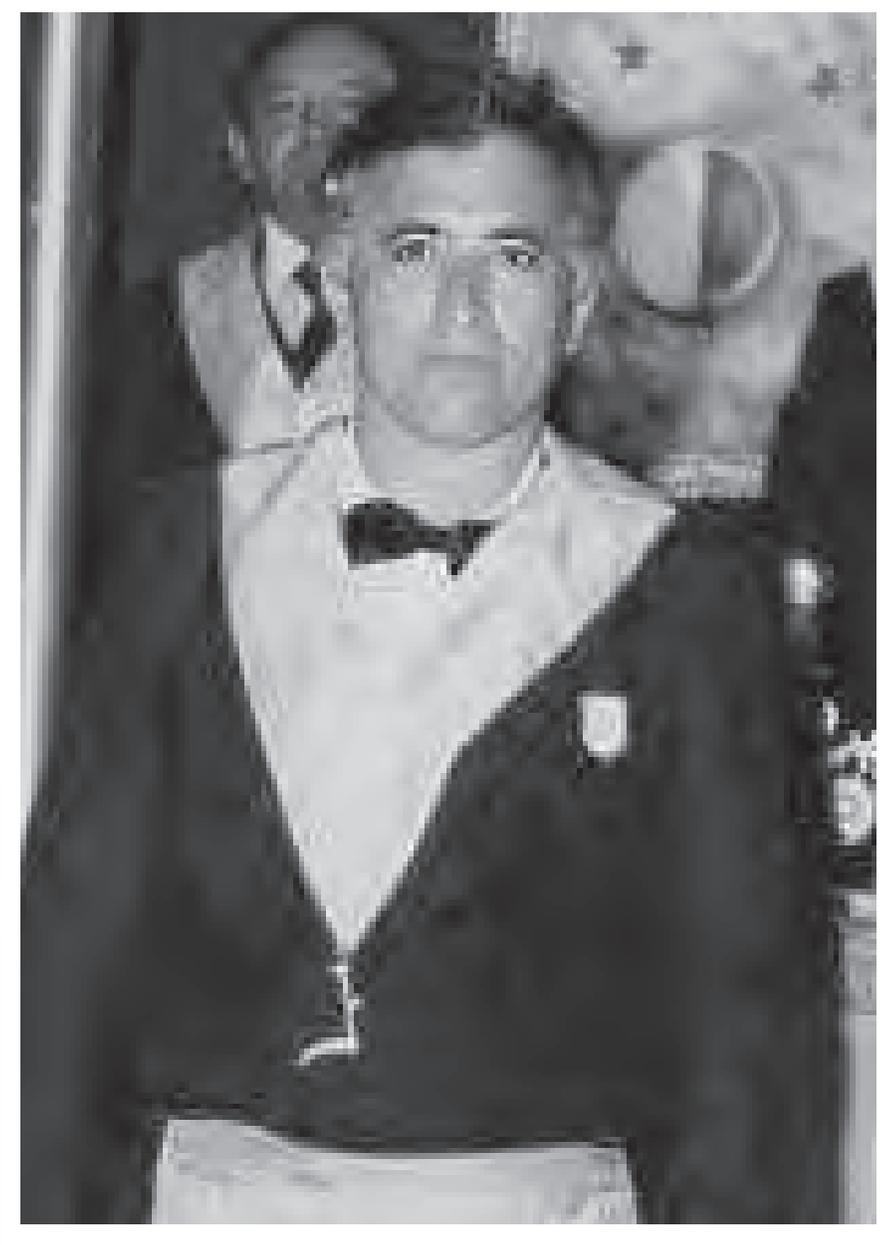
NETO QUEIROZ - 1979 - 2001 - 2018



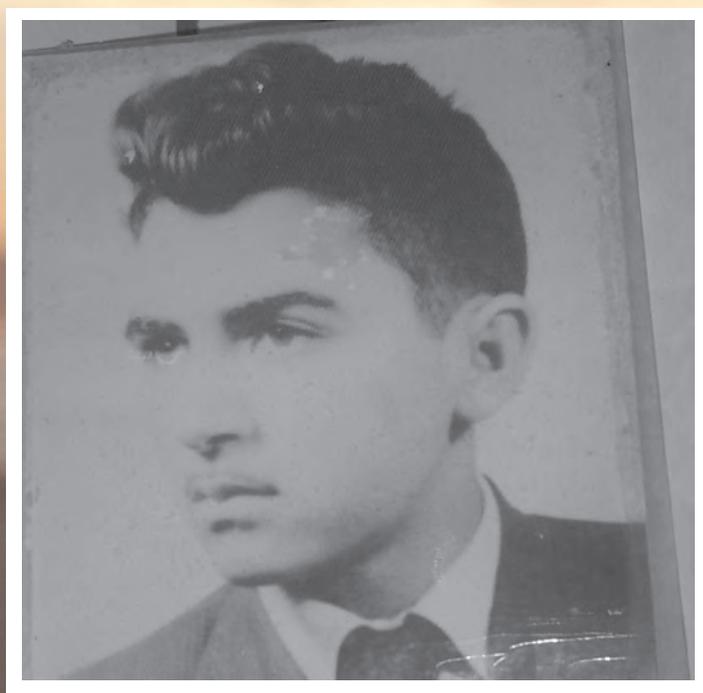
JOÃO DEHON - 2000 - 2018



FRANCISCO DANTAS - 1985 - 2018



CRISTIANE PAIVA
1999 - 2018

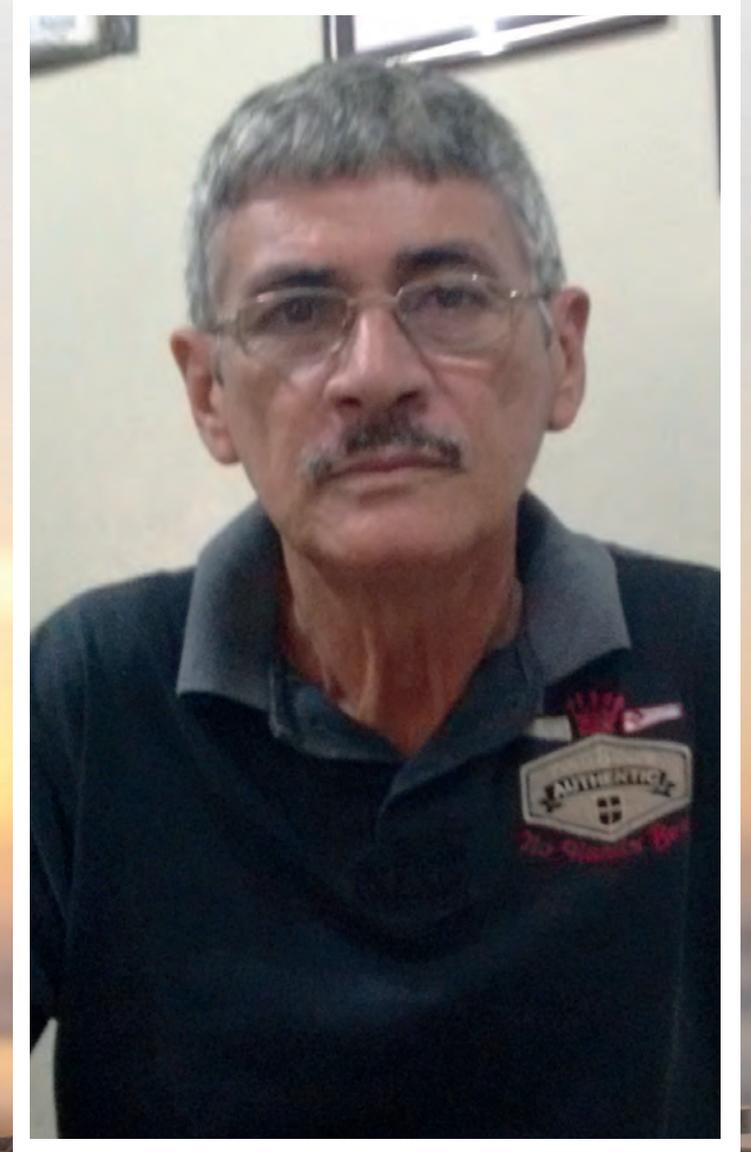
An hourglass is shown in the background, resting on a wooden surface. The sand is visible in the glass bulbs.

EDILSON GODEIRO
1961 - 2018

TARCISIO ROSADO - 1978 - 1989 - 2018



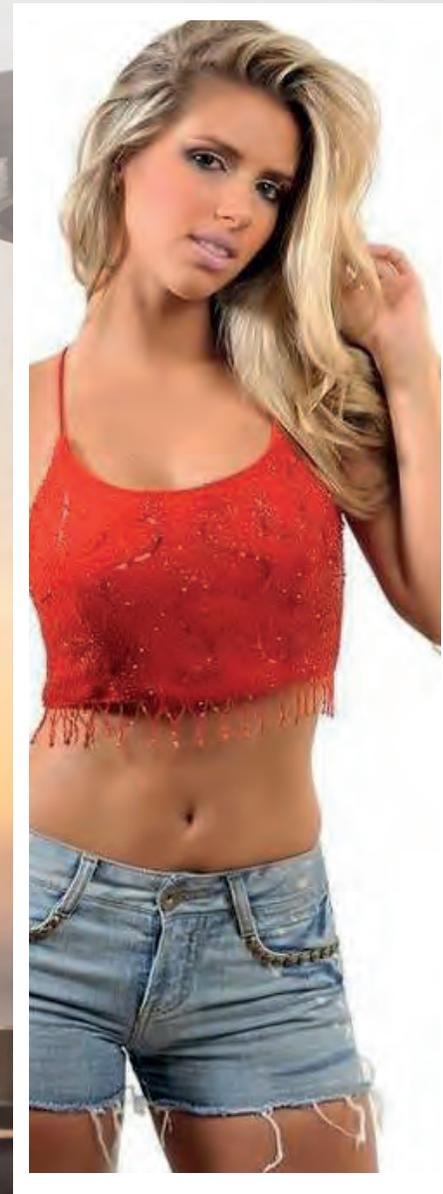
JÓRIO MAIA - 1986 - 2001 - 2018



PAULO ROBERTO - 1988 - 2018



THÁBATA MENDES - 2000 - 2018



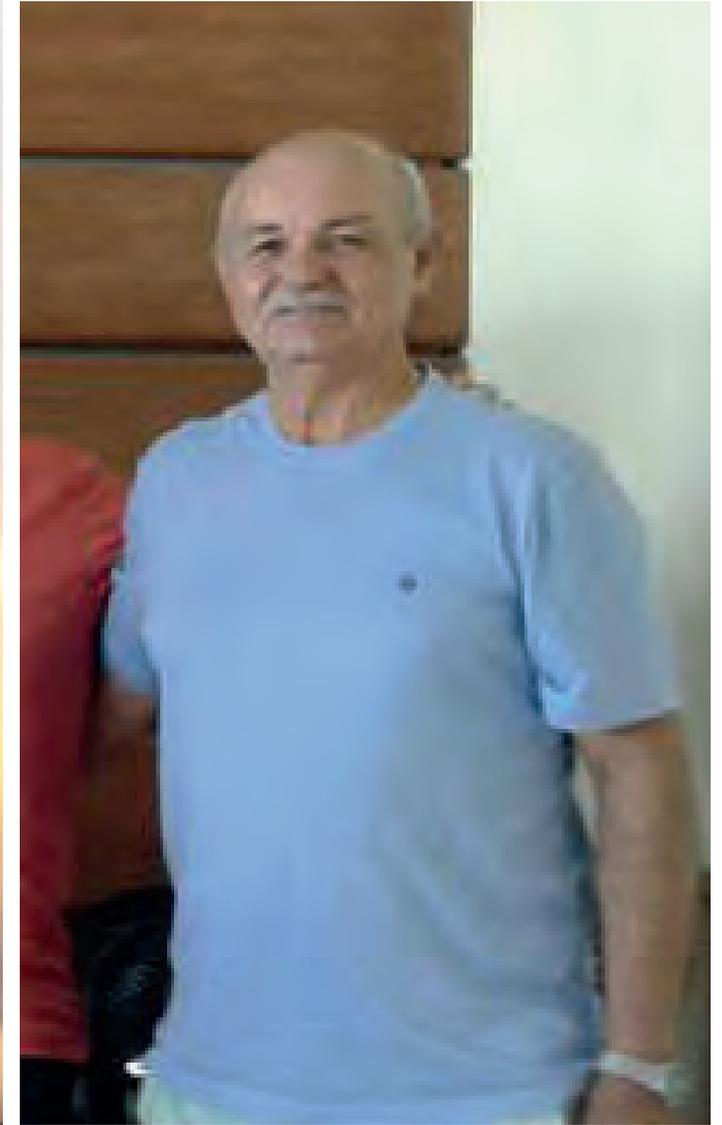
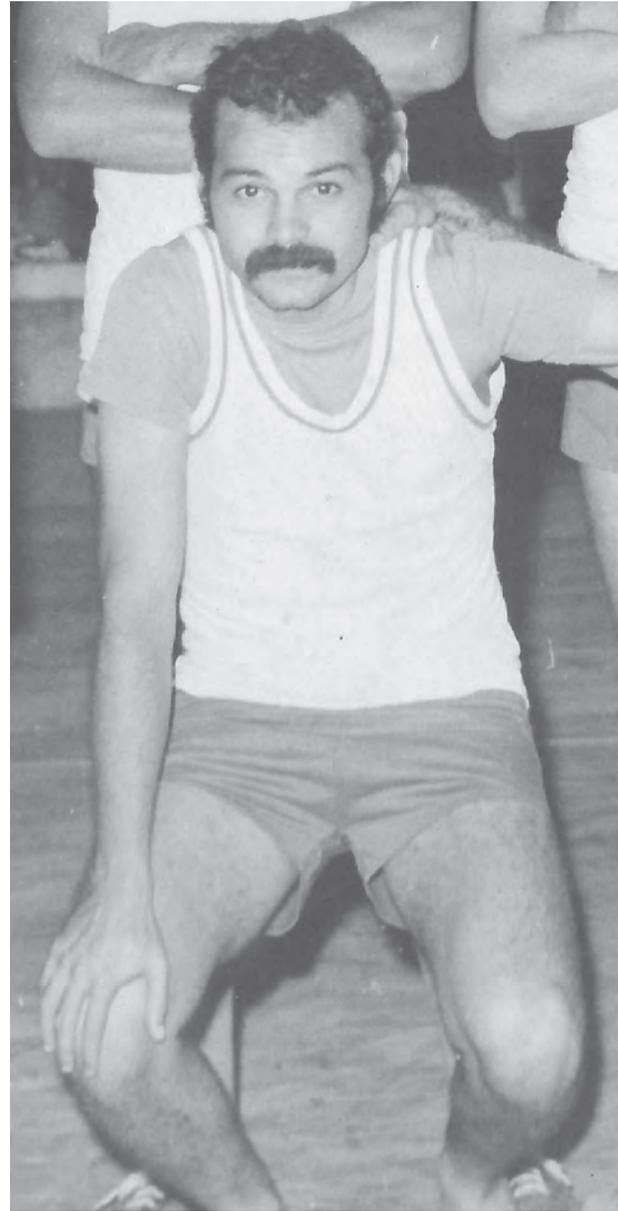
GERVÁSIO LEMOS - 1994 - 2003 - 2018



INAVAN LOPES SILVEIRA - 1999 - 2018



JOSÉ NILSON PINTINHA- 1968 - 1979 - 2018



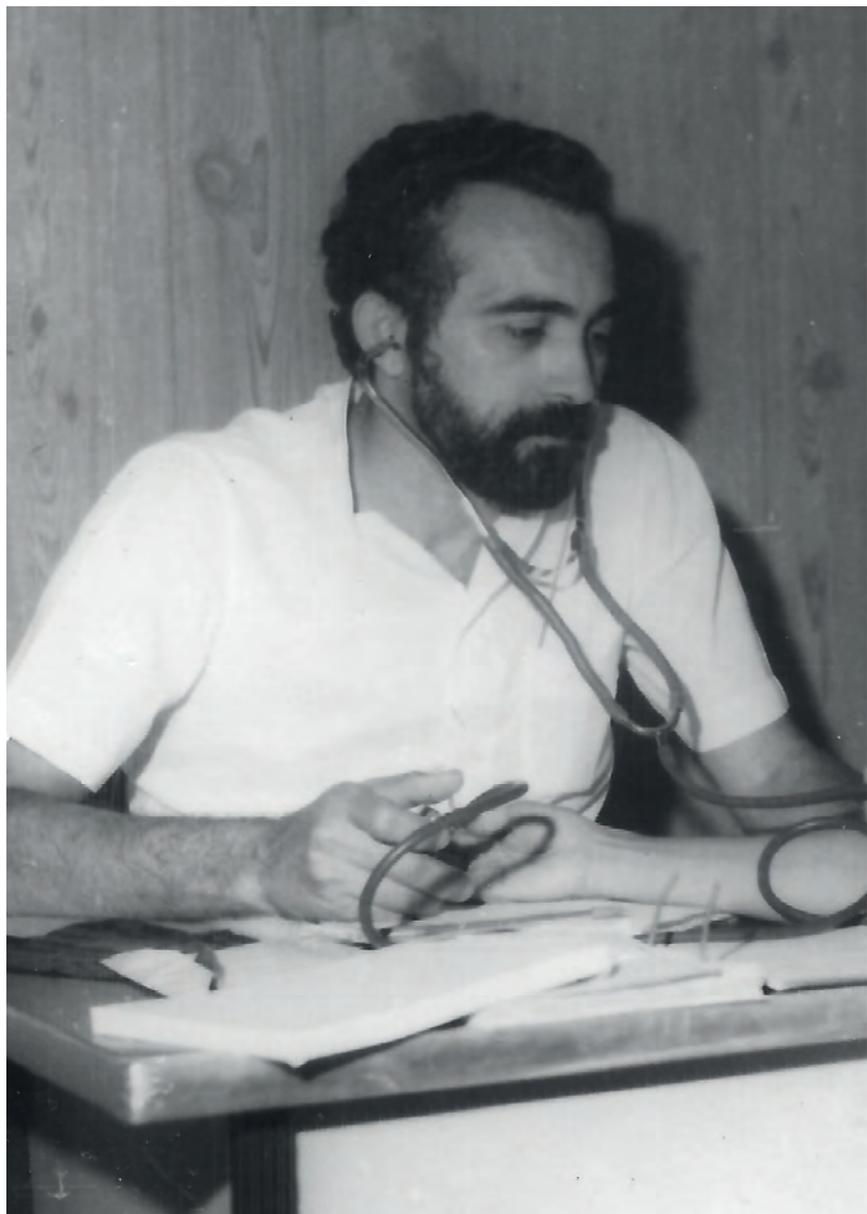
LUIZ GOMES - 1999 - 2018



WASHINGTON XAVIER - 1974 - 2007 - 2018



JOSÉ FERREIRA - 1982 - 2018



FRANCELIZA MONTEIRO - 1985 - 1994 - 2018



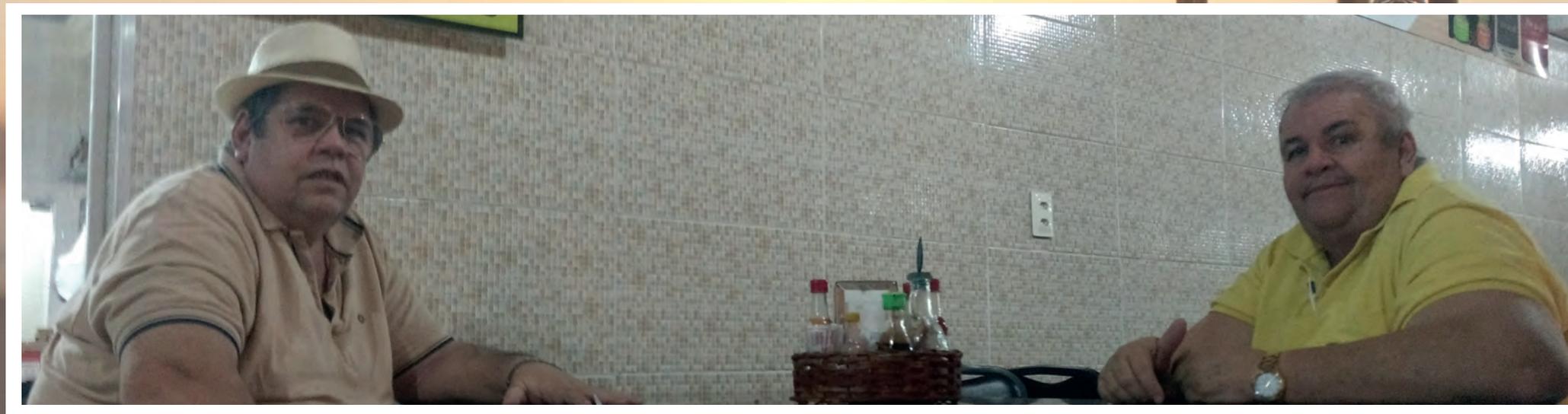
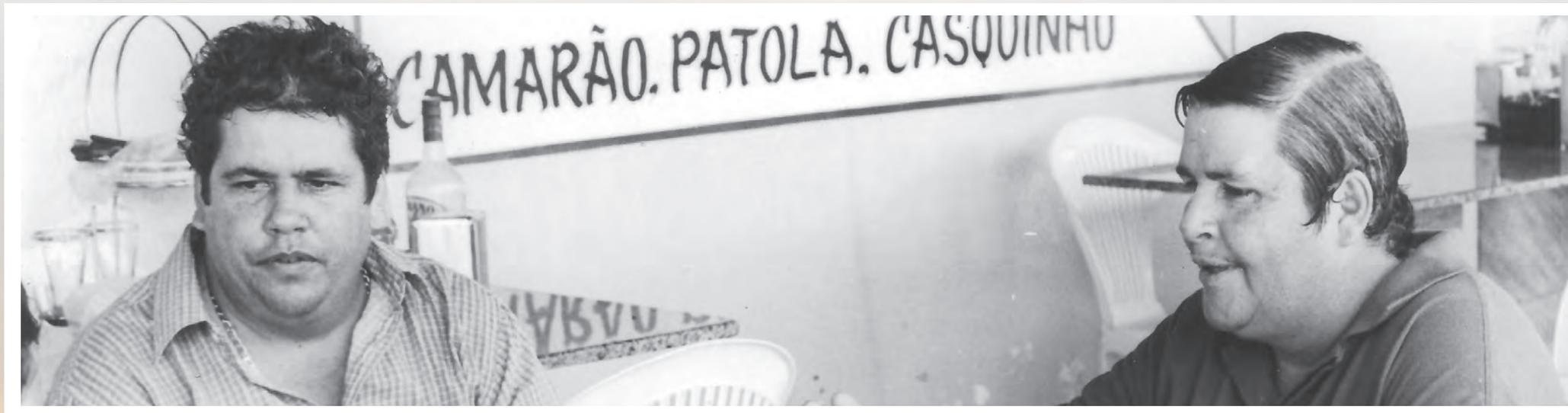
JOÃO PITÉU - 1989 - 2018



FÁBIO WEIMAR THÉ - 1993 - 2000 - 2018



BATISTA E GERMANO - 2001 - 2018



BERNARDO ROSADO - 1998 - 2018



ROBERTO VITAL - 1996 - 2018



RANIERE, RANIER, NATALHIE E CHINTIA 1996 - 2018



EVERALDO RODRIGUES - 1998 - 2018



JUNINHO NÉO - 2003 - 2018



DANTAS JÚNIOR - 1998 - 2018



JOAQUIM ANSELMO
1988 - 2018



GUSTAVO AZEVEDO
1995 - 2018



KÁTIA / DIX SEPT ROSADO SOBRINHO



1975



1988

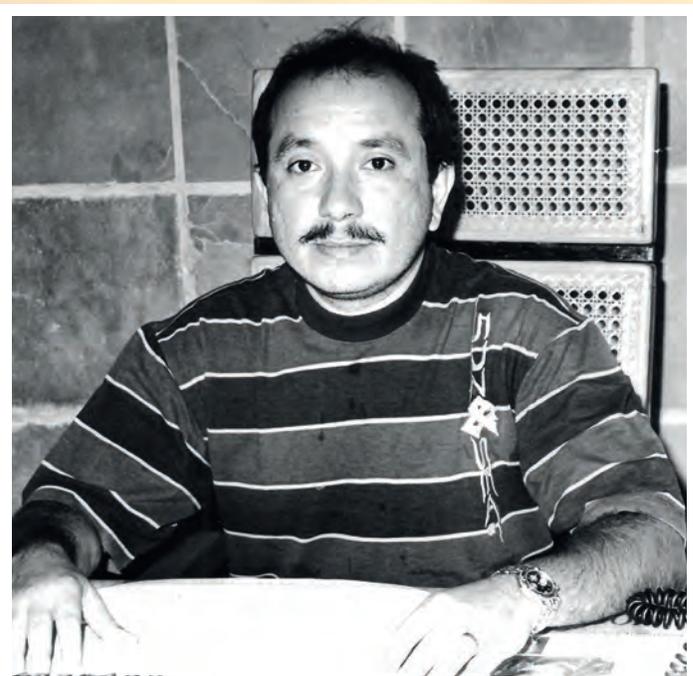


2004



2018

MARCONI AMORIM
2001 - 2018



CHICO MENDES
1998 - 2018



CHAGAS ALBUQUERQUE



1969



1982

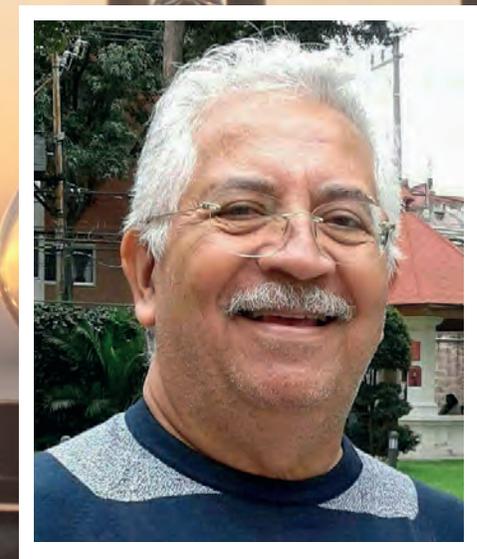
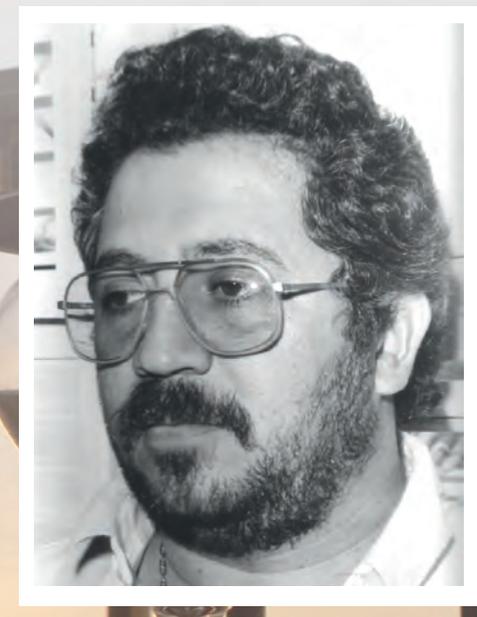


2018

PEDRO E ALDO FERNANDES - 1987 - 2018



EVANGELISTA LIMA
1987 - 2018



LARISSA ROSADO - 1992 - 2018



RAIMUNDO ROSENDO
1997 - 2018



WILLIAMS PINTO - 1996 - 2018



PAULO LINHARES



1988



1998



2018

FERNANDO ALBUERNE



1988

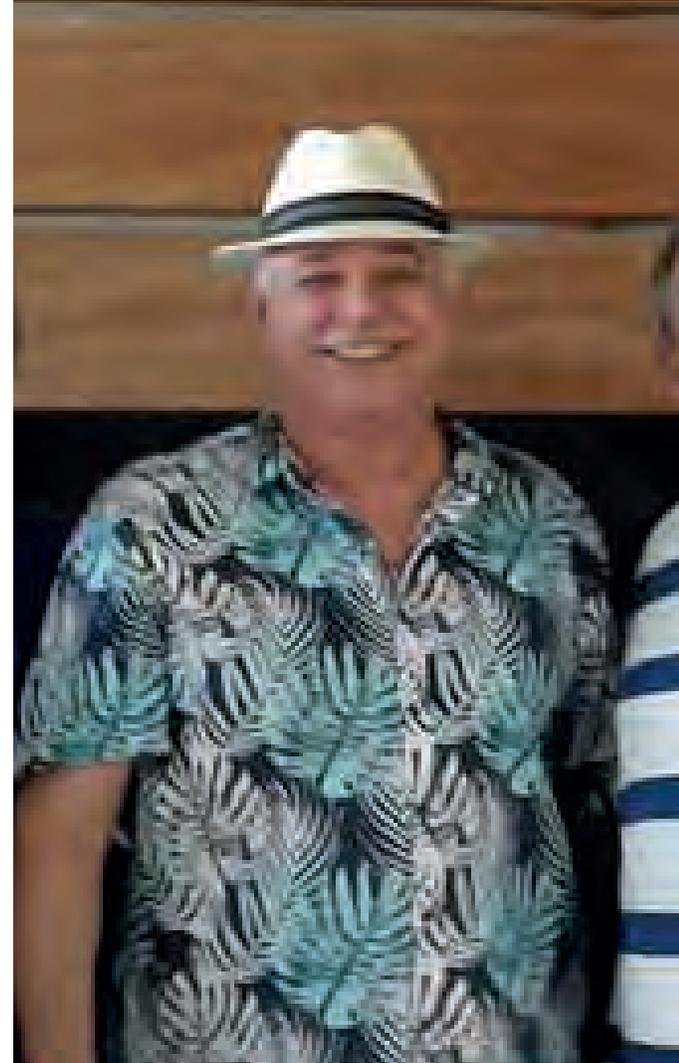


1997



2018

DÉLIO ROSADO 1977 - 2018



WILTON FIRMINO / RENILSAN - 1990 - 2018



JOSÉ WILSON REBOUÇAS - 1973 - 2018

FÁTIMA E FELISBELA VALE - 1995 - 2018



FRANCISCO QUEIROZ - 2003 - 2018



TEREZA / NILSON PEDRO CHAVES - 1998 - 2018



EDILTON QUEIROZ / ERTA - 2001 - 2018



RICARDO PINTO - 1980 - 2018



CLAYTON NUNES - 1998 - 2018



JOSÉ HÉLIO CABRAL FREIRE



1986



2007



2018

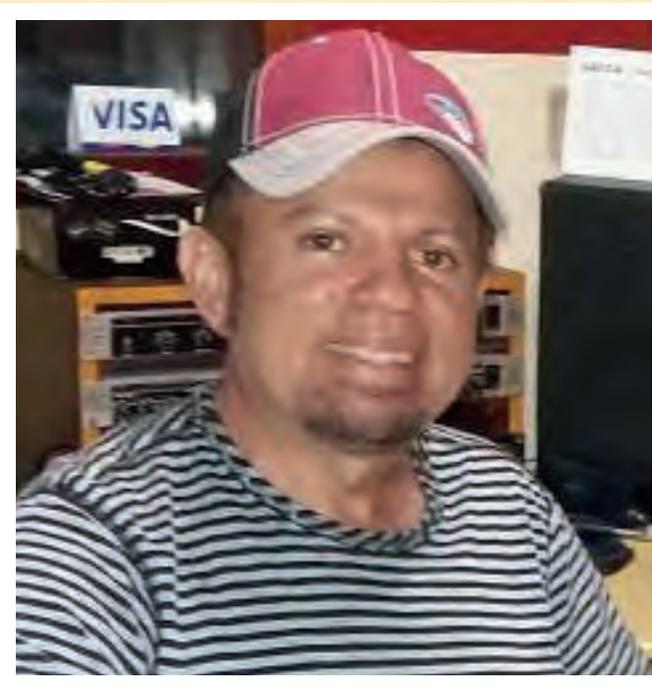
JÚNIOR AMORIM - 1990 - 2018



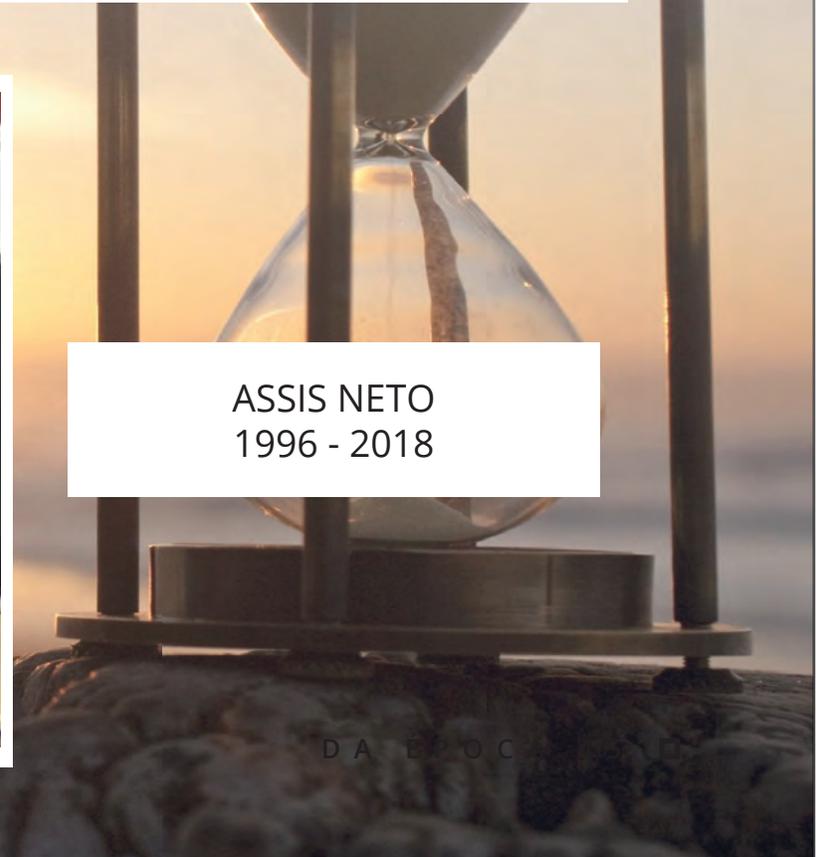
TÁCIO GARCIA / FÁTIMA - 1984 - 2018



JOSÉ WILSON FIRMINO
1987 - 2018



ASSIS NETO
1996 - 2018



FRANKLIM ROLIM
1980 - 2018



EDIOVAR ALENCAR
1996 - 2018



DEL BENEVIDES / SANDRA - 1988 -2004 - 2018



NILTON RÊGO - 1993 - 2018



MARIA JOSÉ / AURIZILENIO LEÃO - 1982 - 2018



AÍDA / JOAQUIM ROLIM



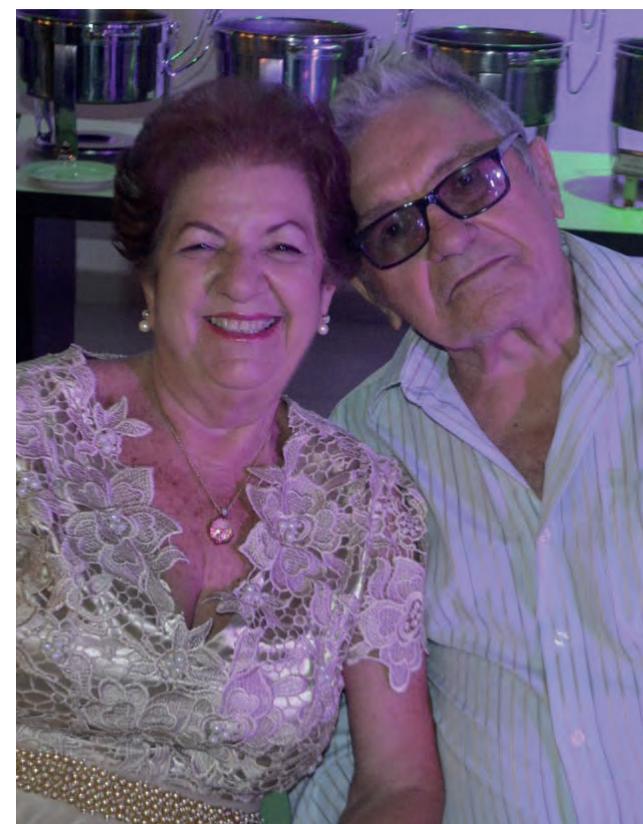
1960



1974



2002



2018

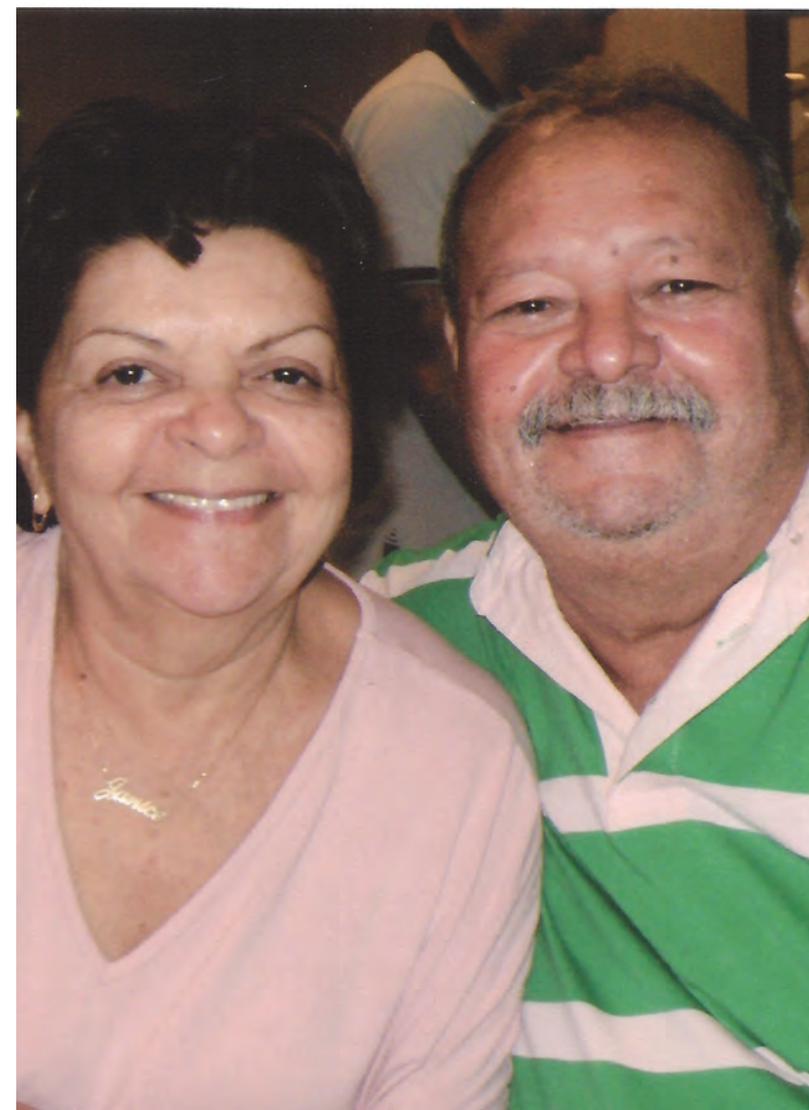
JOSÉ VICTOR CARVALHO / JANICE



1971

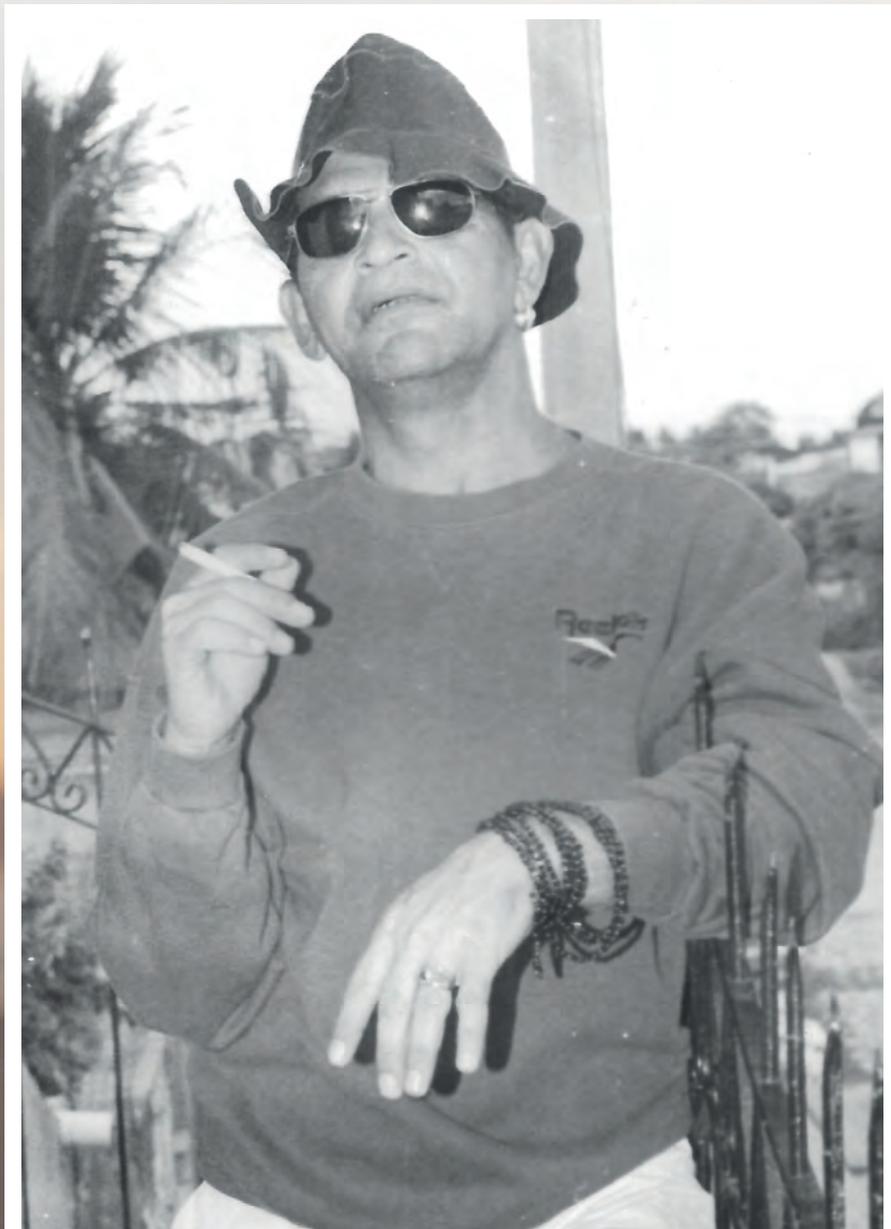


2002



2018

ORLANDO COCOTINHA - 1999 - 2018



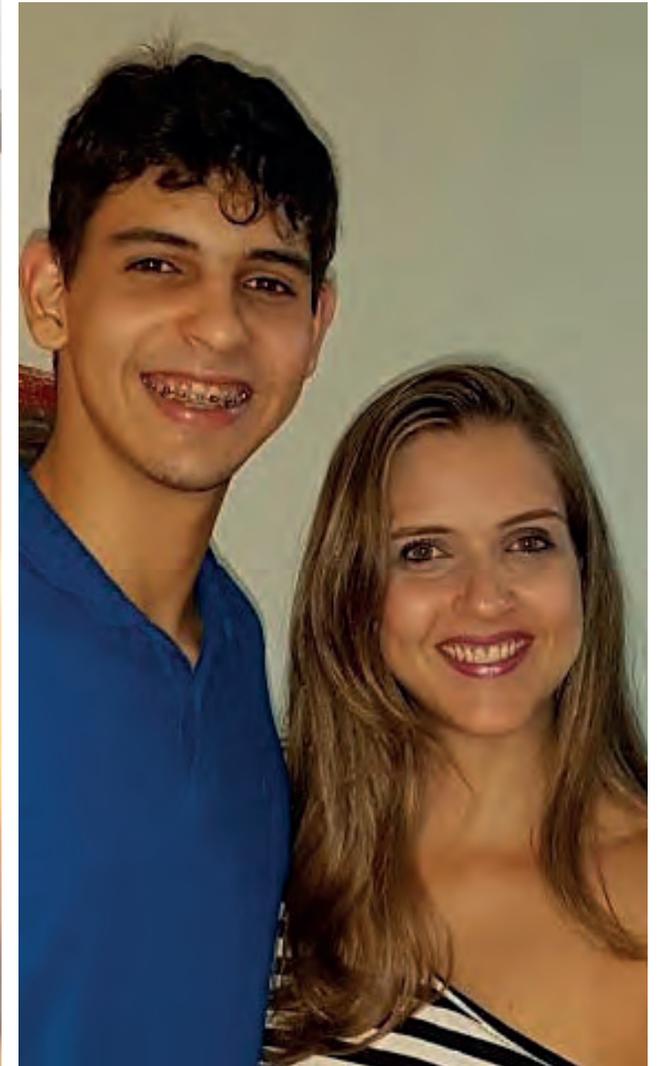
DOM MATHEUS E MELISSA MAGALHÃES



2002

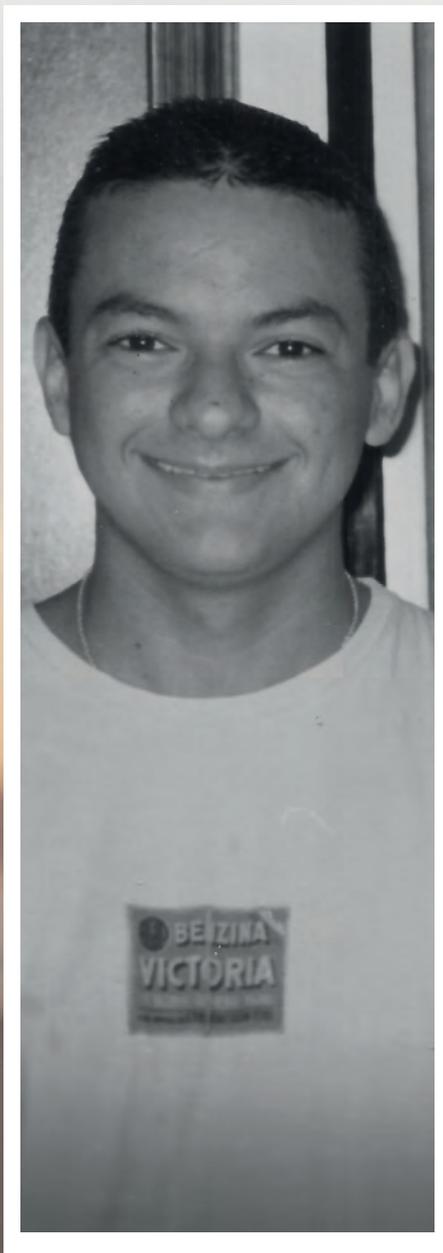


2010

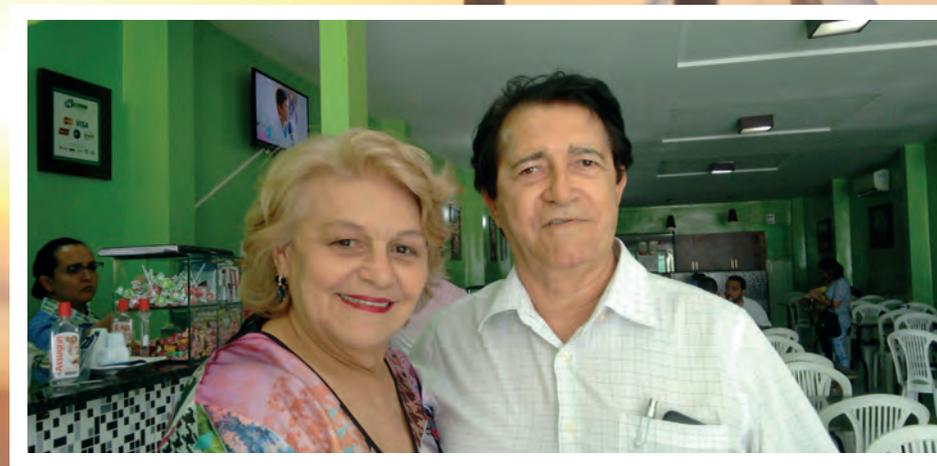


2018

VAGUINHO CARVALHO -2002 - 2018



VILMAR / LUCILA - 1989 - 2018



CARMELINA / CARLOS FIGUEIREDO - 1979 - 2018



TOMISLAV FEMENICK



1986



2018

MAURO E CIRO CARVALHO - 1997 - 2018



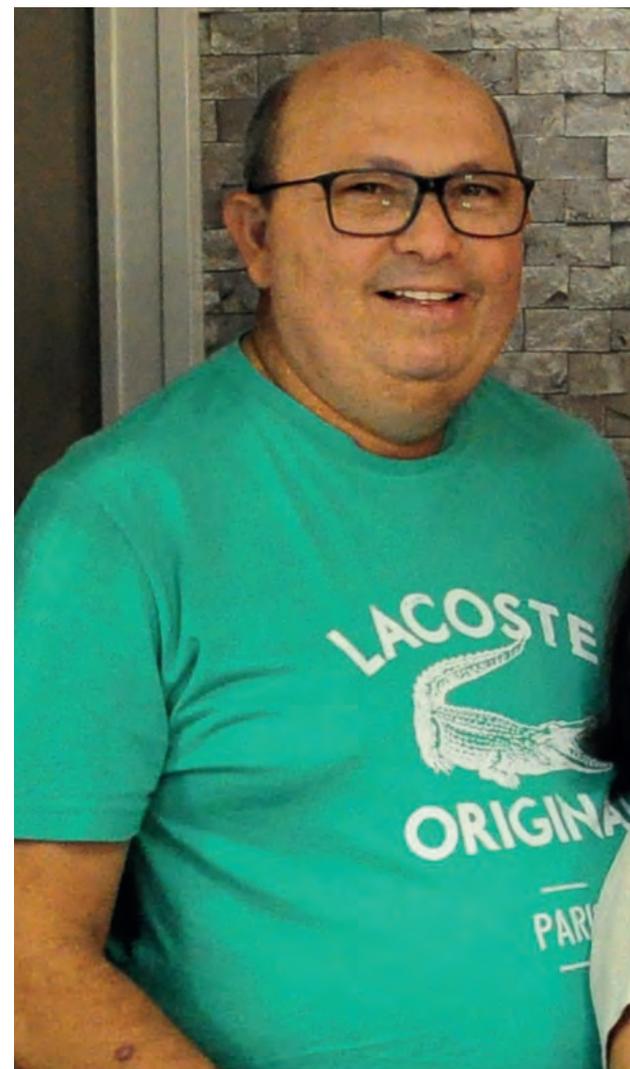
GILBERTO CARVALHO



2002



1986



2018

PRAXEDINHO - 1995 - 2018



RICARDO MESCHINI
1986 - 2018



JOÃO CARLOS BRITO LIMA
1991 - 2018



LEILA ROSADO - 1997 - 2018



CAIO CÉSAR MUNIZ - 1998 - 2018



MARIA AUGUSTA XAVIER GURGEL - 1987 - 2018



HONÓRIO DE MEDEIROS - 2000 - 2018



RAÉRIO CABEÇÃO - 1981 - 2018



HERBERT VIEIRA - 1998 - 2018



NONATO -1965 - 2018



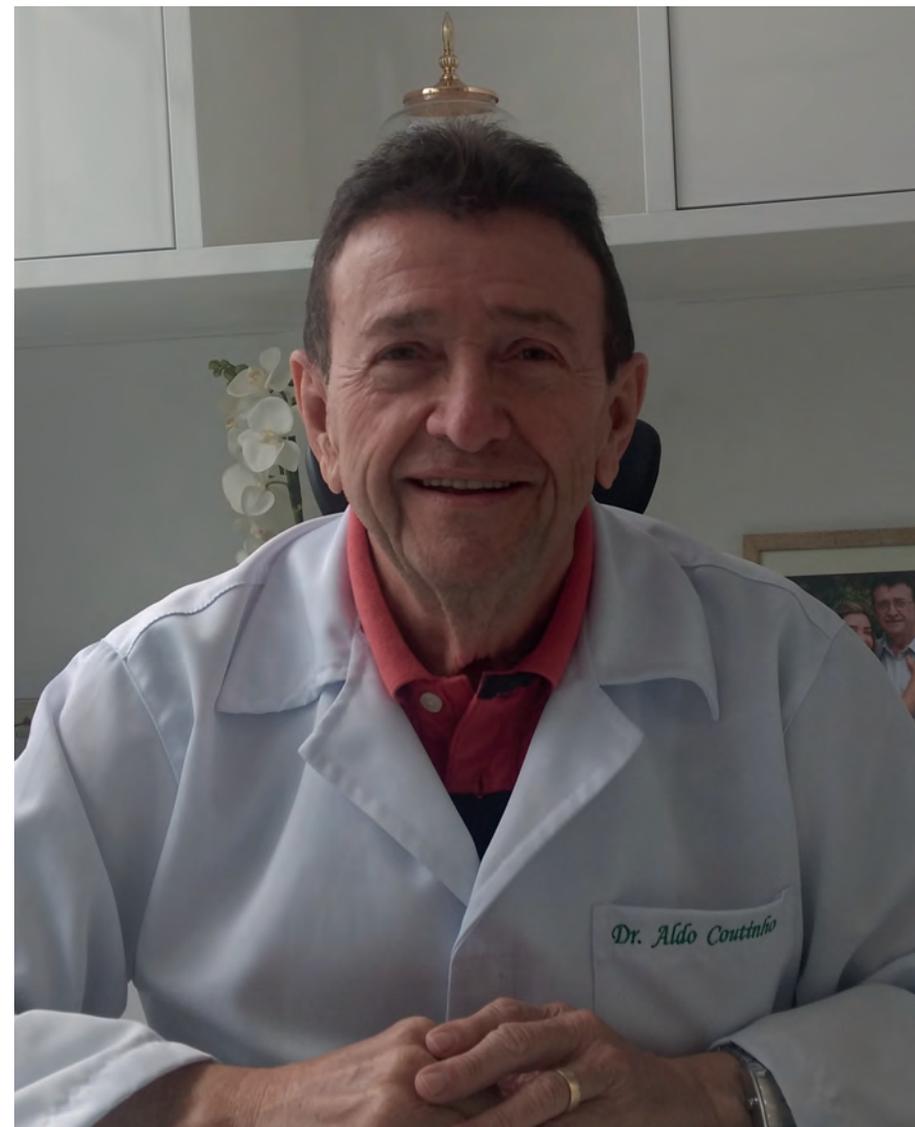
SALES BEZERRA - 1989 - 2018



NOGUCHI ROSADO / NEIDE - 1994 - 2018



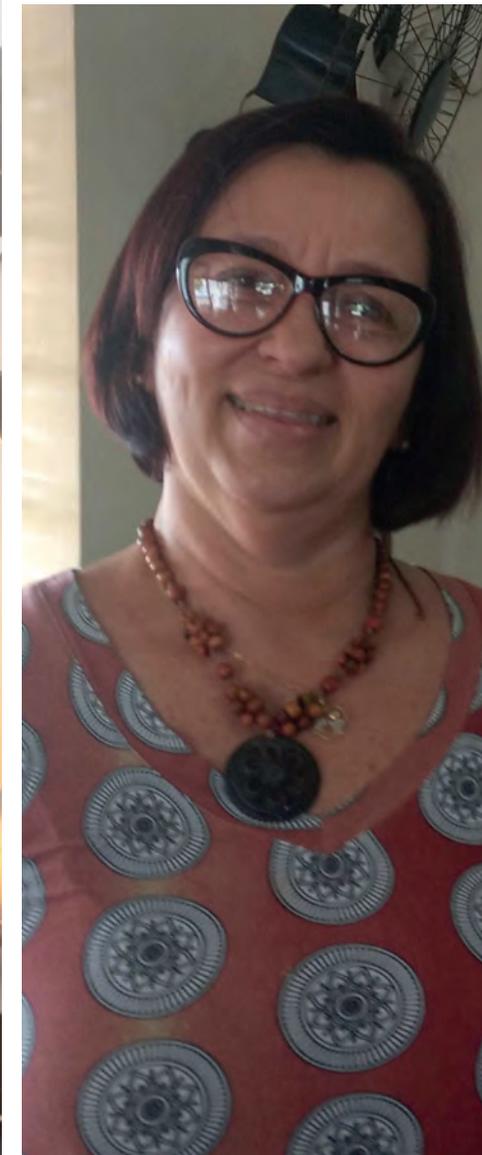
ALDO COUTINHO - 1999 - 2018



ERASMO FIRMINO - 1998 - 2018



GERUZA LOPES CAVALCANTI - 2001 - 2018



Massorá
Meu Kadá

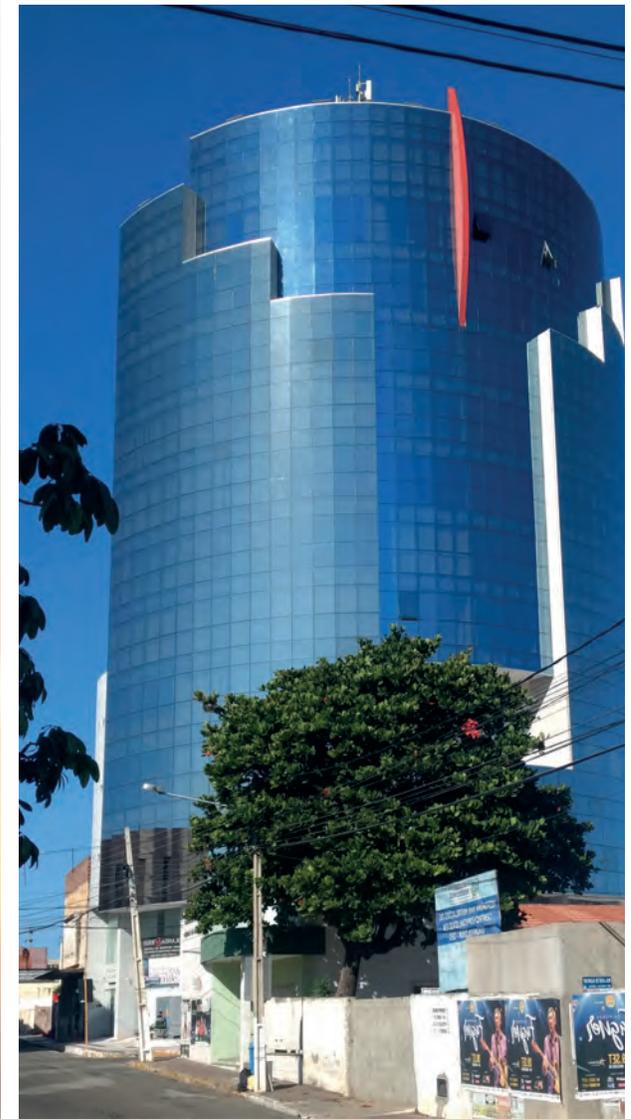




RÁDIO DIFUSORA - Rua Alfredo Fernandes - Centro - 1949



RÁDIO DIFUSORA / CINE CAIÇARA - 1960



CENTRO EMPRESARIAL
CAIÇARA - 2018

HOSPITAL WILSON ROSADO - 2000



INSTITUTO WILSON ROSADO / HOSPITAL WILSON ROSADO - 2018



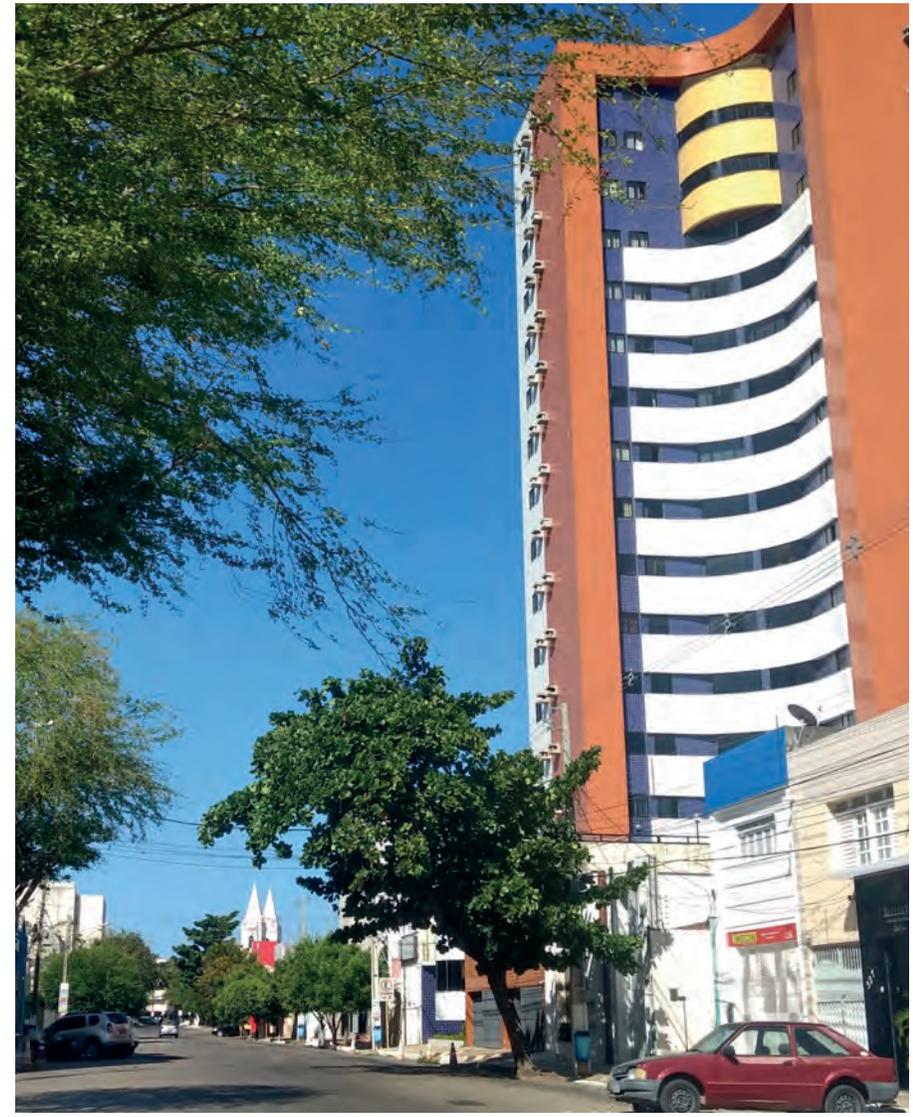
PRAÇA RODOLFO FERNANDES - Centro - 1967



PRAÇA RODOLFO FERNANDES - Centro - 2018



AVENIDA DIX SEPT ROSADO - Centro - 1970 - 2018



Rua Prudente de Moraes-Marechal Deodoro - Bairro Paredões - 1992



Rua Prudente de Moraes-Marechal Deodoro - Bairro Paredões - 2018



MOSSORÓ MOTOR - Avenida Presidente Dutra - Bairro Alto de São Manoel - 1965



Avenida Presidente Dutra - Bairro Alto de São Manoel - 2018



RUA FELIPE CAMARÃO - Baíro Paraíba - 1988 - 2018



RÁDIO LIBERTADORA - Praça Bento Praxedes -Centro - 1984



AUTO ESCOLA VITÓRIA - Av. Presidente Dutra - 2001 - 2018



ESTACIONAMENTO PRIVATIVO - 2018



AGÊNCIA DOS CORREIOS - Centro - 1951 - 2018



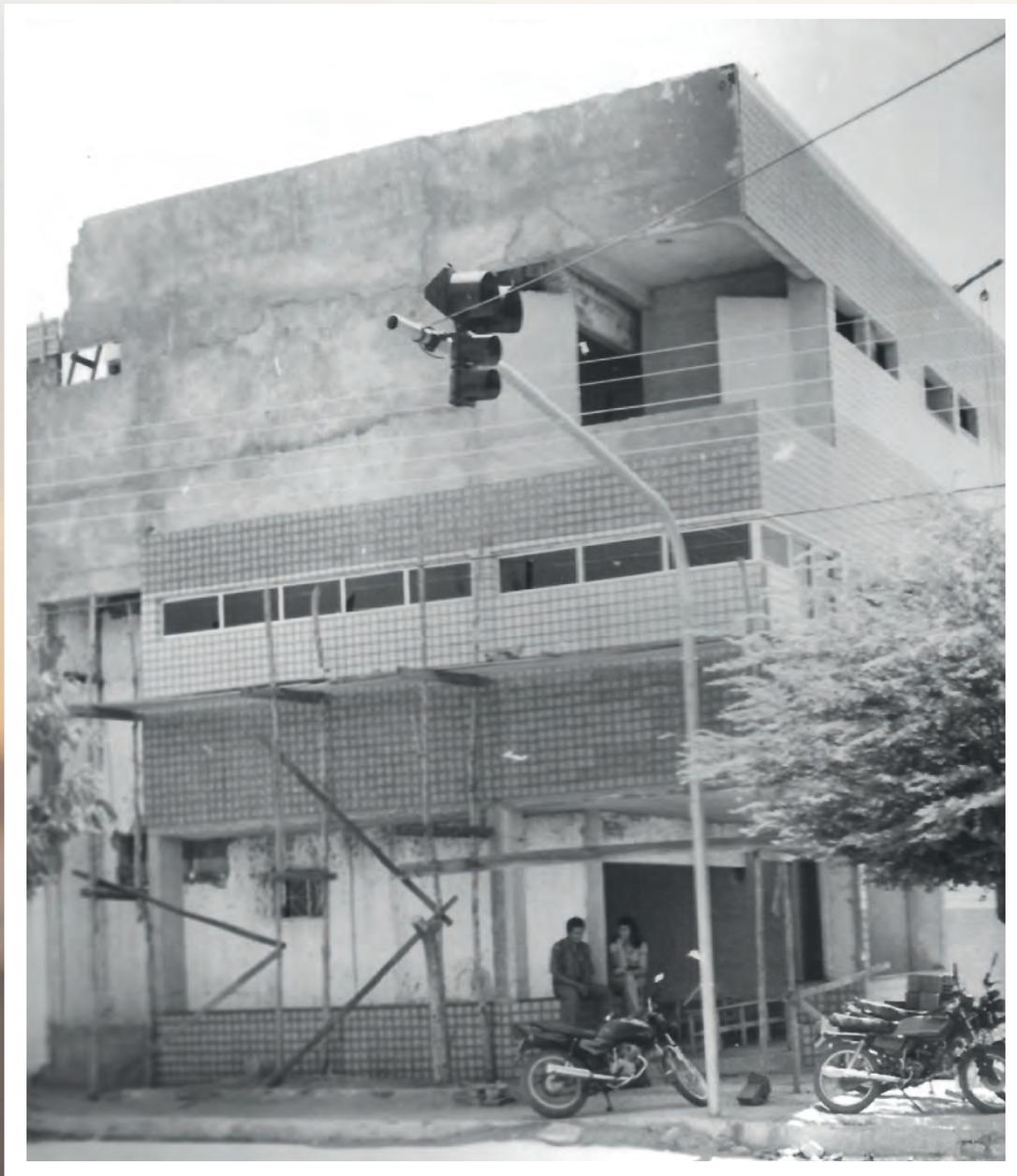
RESTAURANTE CANDIDU'S 2 - Rua João Marcelino - Bairro Santo Antonio - 2013



DROGASIL - 2017



CLÍNICA DR. LUÍS MENDONÇA - Rua Melo Franco - Centro - 1996 - 2018





CINE PAX E CASA
DE BIBIU GURGEL
1957



LOJAS MARISA E
SHOPPING LIBERDADE
2018



CENTRO EDUCACIONAL JERÔNIMO ROSADO - Rua Ferreira Itajubá - Bairro Santo Antonio - 1974



CENTRO EDUCACIONAL JERÔNIMO ROSADO - Rua Ferreira Itajubá - Bairro Santo Antonio - 2018

REVENDA FORD - Praça Rodolfo Fernandes - 1948



RUA MÁRIO NEGÓCIO - Centro - 1960 - 2018



MIL OPÇÕES BIJUTERIAS - Praça Rodolfo Fernandes - 2018



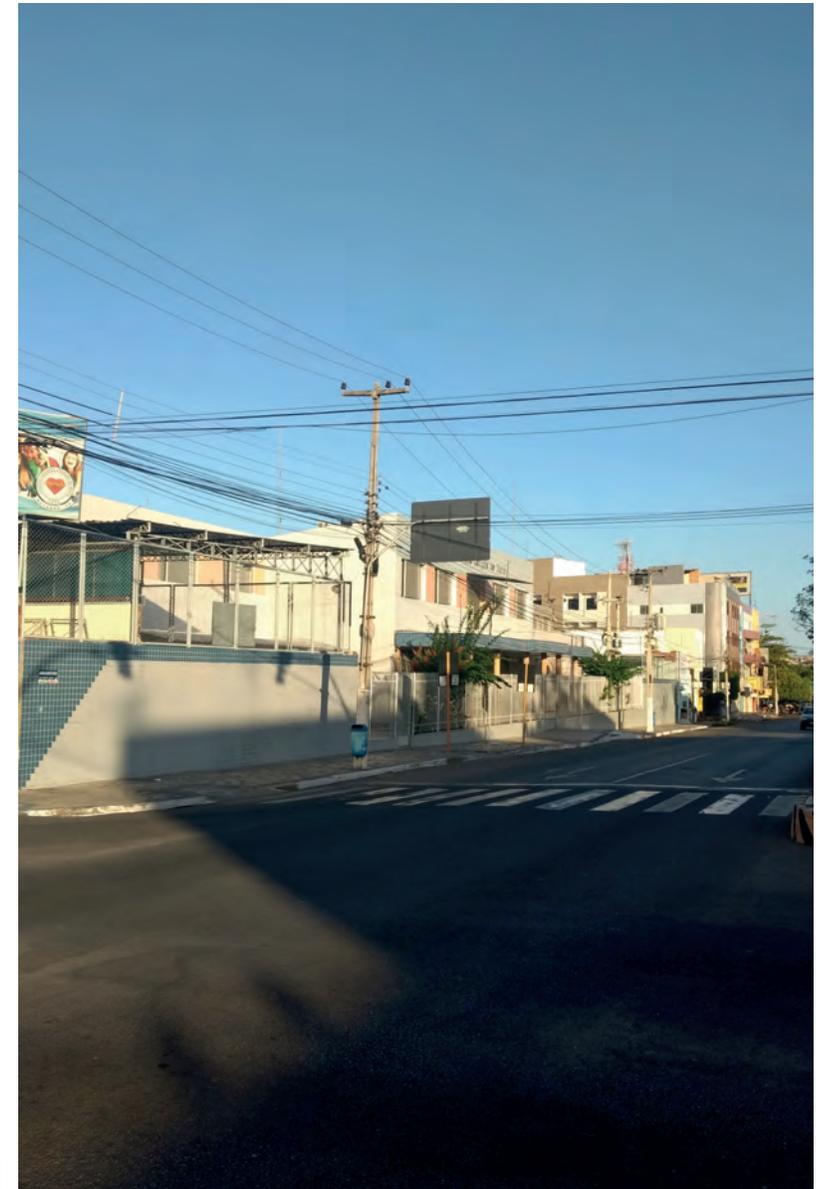


J. P. BORGES
Praça Ulrick Graf - 1954

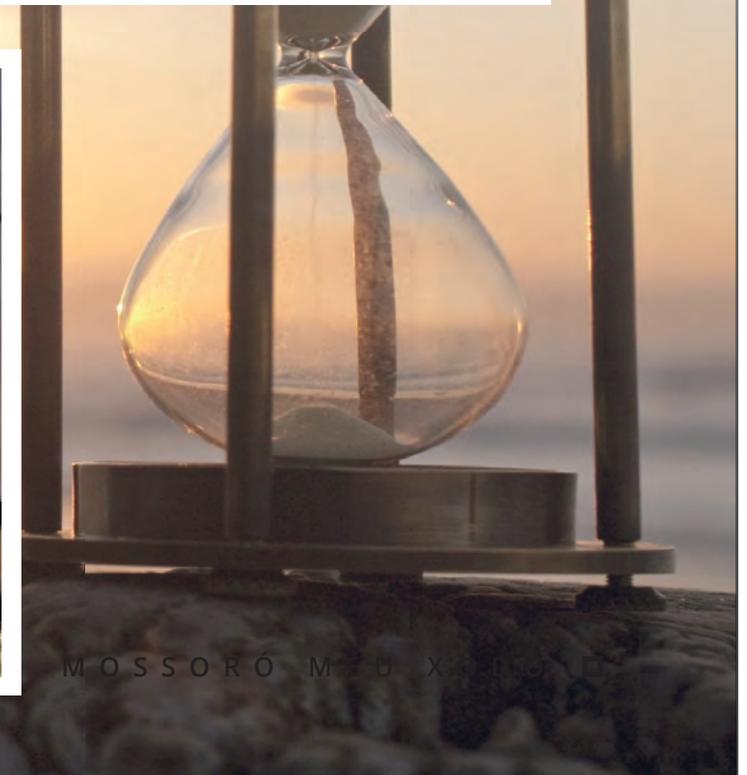


PRAÇA ULRICH GRAFF - 2018

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA- 1911 - 1970 - 2018



RESTAURANTE GERMANOS - Rua Rodrigues Alves - Abolição I - 1997 - 1998 - 2018





INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E
ESTATÍSTICA - Rua Felipe Camarão - 1990



SANDRIN - MÓVEIS PLANEJADOS
Rua Felipe Camarão - 2018

ESCOLA NORMAL - Rua Dionísio Filgueira - Centro - 1950 - 1961



FACULDADE DE
ENFERMAGEM - 2018



CONDOMÍNIO CHAMPS
ELYSSIÉS - Rua Rodrigues
Alves - Abolição I - 1996



CONDOMÍNIO CHAMPS
ELYSSIÉS - Rua Rodrigues
Alves - Abolição I - 2018

UNIMED - Av. Rio Branco - Centro - 1986



ELETRÔNICA DIGITAL - 1999



CRIARE - 2018



CENTRO DE SAÚDE
Rua Juvenal Lamartine -
Bom Jardim - 1962



DEPARTAMENTO DE
VIGILÂNCIA A SAÚDE 2018



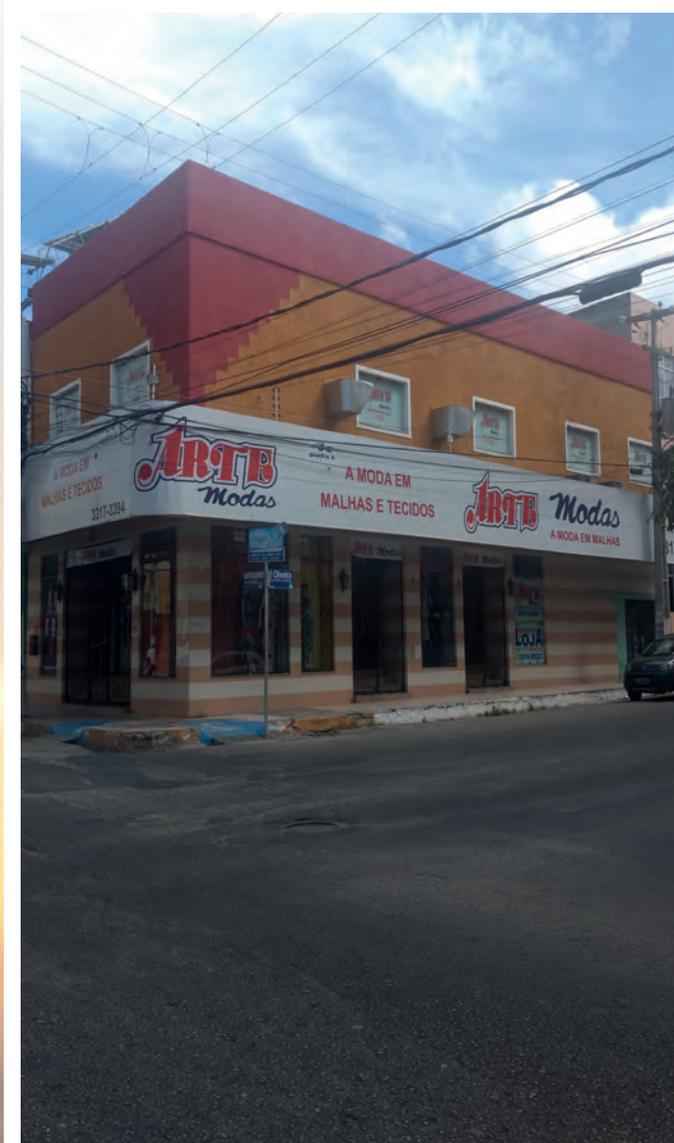
CIA Alfredo Fernandes
Rua Felipe Camarão
Paraíba - 1951



2018



COSERN - Rua Idalino de Oliveira - Centro - 1992



ARTE MODAS - 2018



AMBULATÓRIO JOSÉ
PEREIRA LIMA -
Praça Antônio Miranda Alto da
Conceição - 1961



2018



Praça da Independência
Centro - 1979



2018

Da Bala





Vingt Rosado, Raimundo Soares, João Newton da Escóssia e Manoel Leonardo Nogueira- Estádio Nogueirão em construção - 1966



Leó Diniz, Rodrigues e Erandy Montenegro - 1978



Jotabê - Técnico do Baraúnas - 1992



Isaías - Baraúnas - 2006



Ferroviário 4 x 2 Alecrim - Caluca marcando o seu 3º gol - 1965

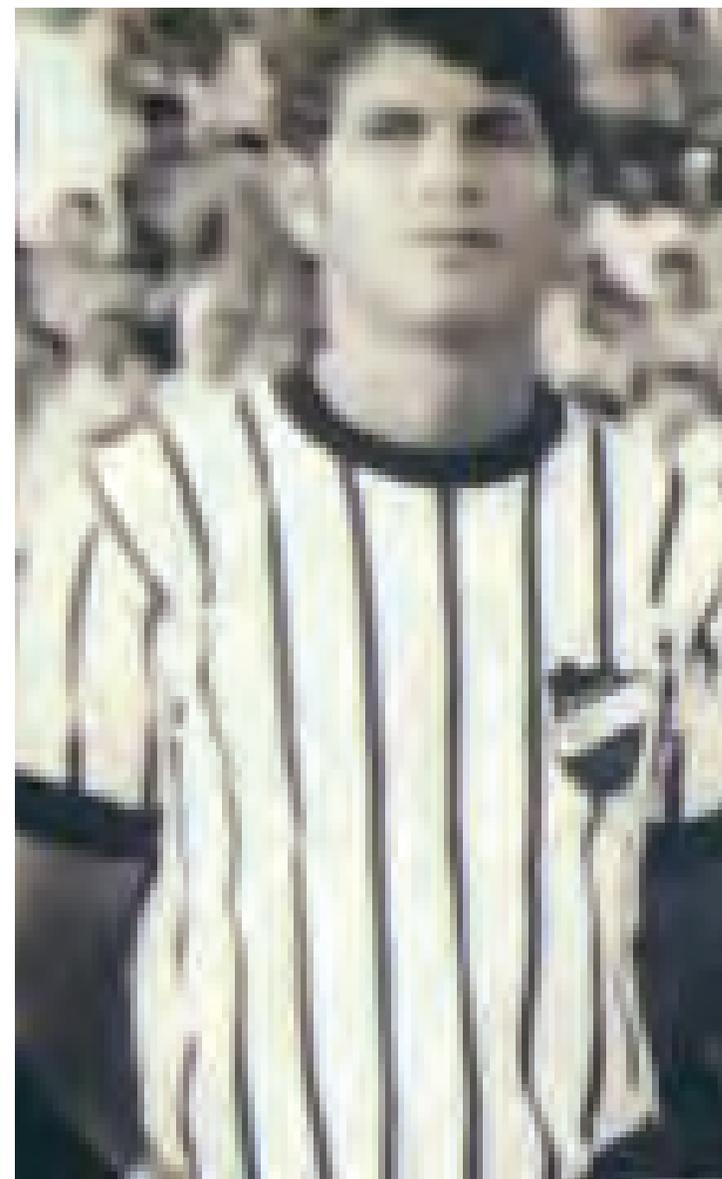


Pedrinho e Júnior Xavier - 1996



Jogo Potiguar 2 x 1 Baraúnas - 11 de maio de 1997 -

O cuspidor de microfone aí era o presidente do Potiguar - Desde o início da partida que o árbitro metia a mão descaradamente no Potiguar. Na metade do 2º tempo os meus tamancos já estavam com mais de 70 graus de febre e não deu outra. Invadi o campo e não fôra a presença de vários polícias me segurando, a merda tinha voado. Depois que falei para o juiz alguns, cerca de apenas 300, adjetivos bem EDUCADOS, aí a roubalheira saiu de cena.



Gambeu - ABC - 1970



DANILO MENEZES - 1975



Moura - América - 1997



Onezimar - Guarani de Juazeiro do Norte - 1981



Tutula, Dantas Júnior, Antoninho, não identificado e Chico Rico - Baraúnas - 1981



José Jorge, Maranhão e Sousa Silva - 1977



Zé Carlos Lima, Dedé, Ricardo Guilherme e Costinha, Pintinha e Zairo Mariano - Time da Faculdade de Economia - Quadra da ACEU - 1979



Das Chagas Bolão, Mendonça, Wilson, Jairzinho e Zé de Deus - 1981



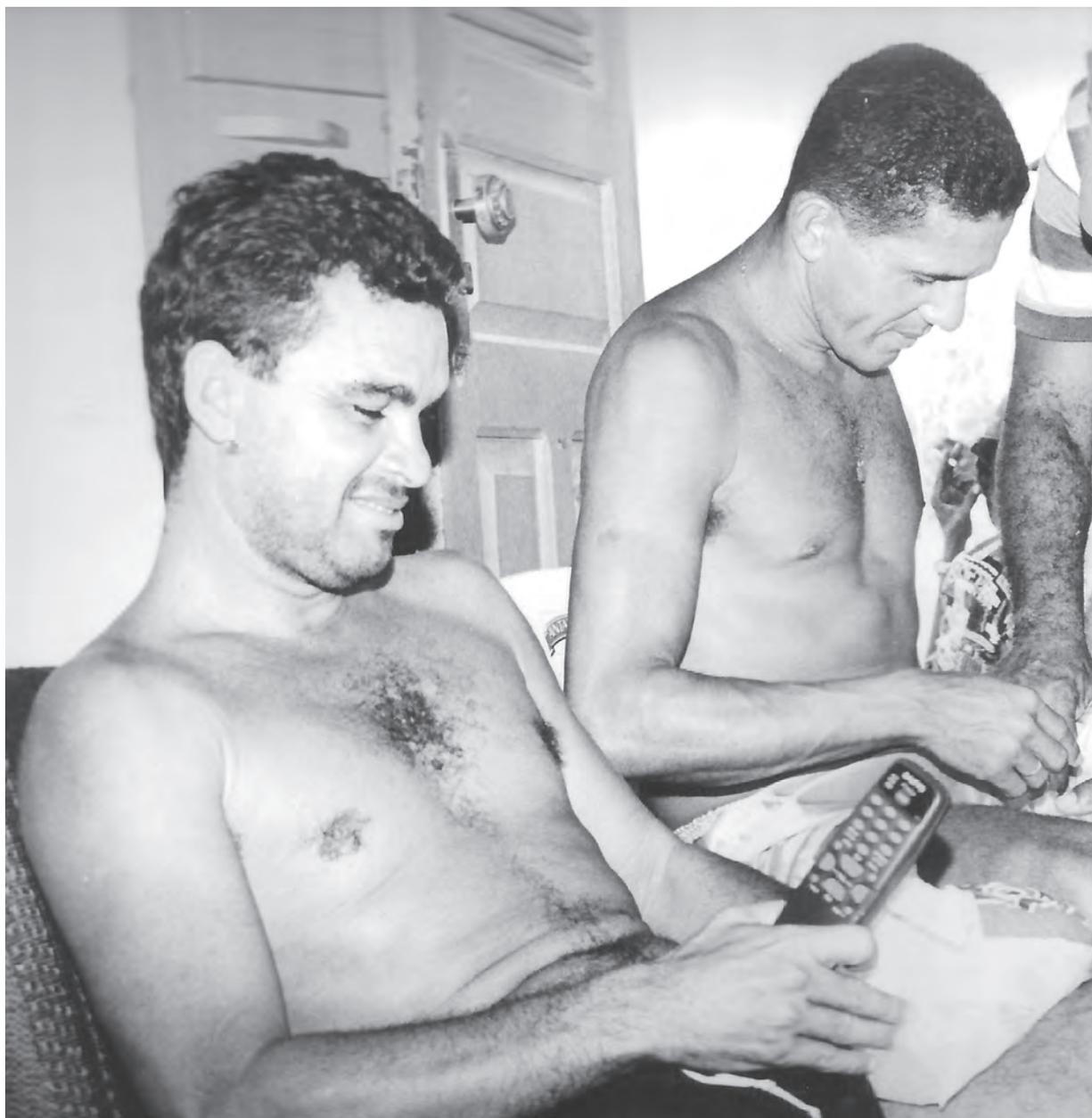
Dedeca Marcelino, Berício, Lupércio e Marcelino - 1975



Djalma, Cleilton Nunes, Casinha, Júnior, Marconi e Alcivan, Záccone, Carlito, Ceni, Gato e Sanderson - Botafogo - Campeonato do Lazarão - 1999



Paloma - Potiguar - 1996



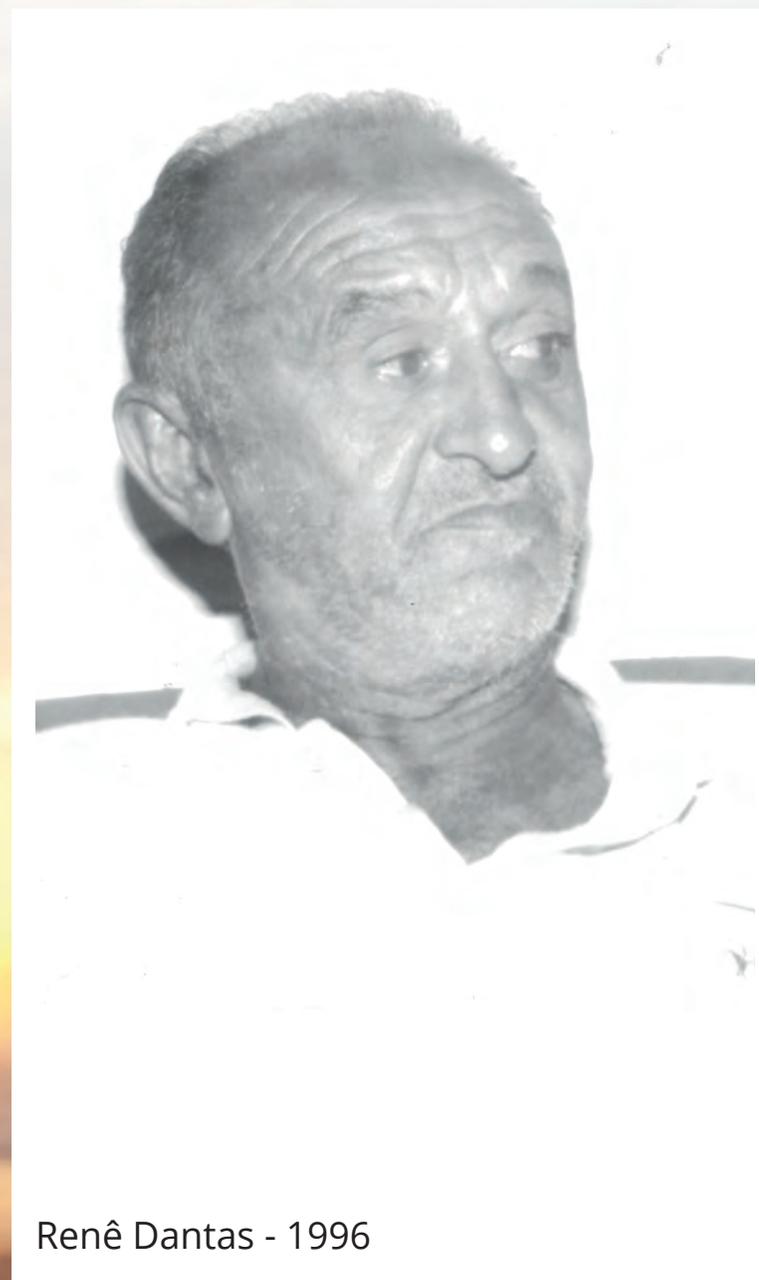
Ricardo Santos e Carlinhos Marechal - Potiguar - 1997



Railson - Baraúnas - 1986



Eloy, Ugo, Fernando, Nivaldo, JB e Itamar. Ademir, (não identificado), Pelé, Teco-teco e Marconi - Potiguar - 1973



Renê Dantas - 1996



Gambeu - ABC - 1970



EDMO SINEDINO - 1984



Ribamar Cavlacanti e Pelé - 1972



Geraldinho Felipe, Martins, Neris, Rocha e Ivanio – João Morais, Lino, Ademir e Arlindo –
Esplanada – Futsal - 1975

De Enchantes



DE ENCHANTES



Praça Rodolfo Fernandes - 1924



Rua Cel. Vicente Sabóia
Centro - 1961

Rua Santos Dumont
Centro - 1961





Vista aérea - 1961



Rua Cel. Vicente Sabóia
Centro - 1961

Av. Cunha da Mota
Pereiros - 1961





Vista aérea
1961

Rua Santos Dumont
Centro - 1961





Praça Rodolfo Fernandes Centro - 1967



Rua Cel. Vicente Sabóia
Centro - 1967

Rua Santos Dumont
Centro - 1974





Rua Felipe Camarão
Paraíba - 1974

Rua Cel. Vicente Sabóia
Centro - 1974





Rua Jerônimo Rosado
Centro - 1974

Av. Presidente Dutra
Ilha de Santa Luzia - 1974





Rua Nísia Floresta
Pereiros - 1974

Av. Presidente Dutra
Alto de São Manoel - 1974





Av. Cunha da Mota
Paraíba - 1974

Pça. Getúlio Vargas
Centro - 1974





Rua General Péricles - Ilha de Santa Luzia - 1985



Rua General Péricles
Ilha de Santa Luzia - 1985

Rua João Marcelino
Santo Antonio - 1985





Rua Jeronimo Rosado
Centro - 1985

Pça. Rodolfo Fernandes
Centro - 1985





Rua Cel. Vicente Sabóia - Centro - 1985



Av. Alberto Maranhão
Alto da Conceição - 1985

Pça. Rodolfo Fernandes
Centro - 1985





Av. Cunha da Mota
Paraíba - 1985

Rua Cel. Gurgel
Centro - 1985





Av. Mota Neto
Aeroporto - 1985

Pça. Rodolfo Fernandes
Centro - 1985





Av. Mota Neto
Aeroporto - 1985



Rua Jerônimo Rosado
Centro - 1985





Rua Cel. Gurgel - Centro - 1985



Lojas Paulista - 1961



Disco Fitas - 1985

Azougue 8

Caby da Costa Lima

